



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**NATALIA CASTELO BRANCO DANTAS**

**A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO CEGO**

**FORTALEZA**  
**2013**

**NATALIA CASTELO BRANCO DANTAS**

**A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO CEGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará.

Orientador(a): Luciane Germano Goldberg

FORTALEZA

2013

**NATALIA CASTELO BRANCO DANTAS**

**A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO CEGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Ms Luciane Germano Goldberg  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ercília Maria Braga de Olinda    Prof.<sup>a</sup> Ms Maria Izaira Silvino Moraes

À Deus, criador e mentor da minha vida, a minha família, base e inspiração do meu viver, ao Leonardo, meu amor, Luciane, minha orientadora e aos meus amigos e professores.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por desde o início da minha vida estar comigo, me dando sabedoria, saúde, força e guiando-me por está caminhada, por ser o mentor das minhas escolhas e meu companheiro fiel.

Aos meus pais por terem me dado à base para chegar onde estou, segurando minhas mãos nos momentos difíceis, me apoiado nas minhas decisões e serem exemplos de seres humanos, dignidade e caráter.

As minhas irmãs por serem minhas companheiras e conselheiras, amigas e fies escudeiras, por estarem sempre ao meu lado e por todas as alegrias e tristezas compartilhadas.

Aos meus familiares, pessoas que cederam um pouco dos seus DNAs para que eu possa ser quem sou hoje, por me ensinarem os princípios e o que realmente é importante na vida: o amor e a família.

Ao Leonardo, meu companheiro, amigo, conselheiro e um anjo de Deus na minha vida. Ensinou-me a lutar e a realizar alguns dos meus sonhos, meu grande incentivador e um exemplo de força e determinação.

Aos meus professores, sem eles não estaria aqui. Grandes mestres, cada um com sua singularidade, mas todos serviram de trampolim para minha chegada aqui e mais uma realização.

Aos meus amigos universitários, que tantas vezes compartilharam comigo a ansiedade de um trabalho, o momento de matrícula e a realização de chegar ao fim de cada semestre e de cada etapa.

Agradeço aos meus amigos mais chegados, Dayana e Gabriela, Rebeca, Raissa, Gleydson, Maia, Vinícius, que sempre estiveram ao meu lado, participando assiduamente da minha vida e sendo mais chegados do que irmãos.

Eu, que sou cega, posso dar uma sugestão àqueles que veem: usem seus olhos como se amanhã fossem perder a visão. E o mesmo se aplica aos outros sentidos. Ouça a música das vozes, o canto dos pássaros, os possantes acordes de uma orquestra, como se amanhã fossem ficar surdos. Toquem cada objeto como se amanhã perdessem o tacto. Sintam o perfume das flores, saboreiem cada bocado, como se amanhã não mais sentissem aromas nem gostos. Usem ao máximo todos os sentidos; goze de todas as facetas do prazer e da beleza que o mundo lhes revela pelos vários meios de contacto fornecidos pela natureza. (KELLER, 1959, p.27)

## **RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo principal identificar a importância da arte para o processo de desenvolvimento do cego e suas contribuições. A fim de alcançar tais objetivos, foi considerado o processo de desenvolvimento do cego, o auxílio da estimulação precoce neste processo e a influência que ocorre através do contato com a escola, família e sociedade. Para um desenvolvimento pleno da pessoa cega é necessário levar em consideração a estimulação dos sentidos remanescentes, a utilização dos mesmos para o favorecimento da aprendizagem e como o cego adquire seus conhecimentos através deles. Procurou-se abordar a importância da arte na vida das pessoas cegas e quais são os benefícios causados aos que tem contato com a arte. Verificou-se que as dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem dos cegos podem ser amenizadas com o ensino das artes e a prática pelos mesmos.

Palavras-chave: Arte. Cegueira. Desenvolvimento

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. O CEGO E SEU DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>12</b>
2.1 O desenvolvimento do cego.....	13
2.2. Estimulação precoce.....	15
2.3. A colaboração das escolas, dos familiares e da sociedade para o desenvolvimento do cego.....	20
<b>3. OS SENTIDOS.....</b>	<b>26</b>
3.1. Tato.....	28
3.2. Audição.....	30
3.3. Olfato.....	31
3.4. Paladar.....	32
3.5. Visão (a falta deste sentido).....	33
<b>4. A ARTE E O CEGO.....</b>	<b>36</b>
4.1. Literatura.....	39
4.2. Música.....	42
4.3. Dança.....	44
4.4. Teatro.....	48
4.5 Artes Visuais.....	49
4.6. Relato do contato com os entrevistados.....	51
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>58</b>



## 1. INTRODUÇÃO

O despertar pelo tema deste trabalho surgiu antes mesmo que eu adentrasse na universidade. Desde criança mantive o contato com pessoas cegas por ter um primo cego e uma mãe que sempre trabalhou com a inclusão, no início como itinerante do Estado e hoje trabalha em uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para a prefeitura de Maracanaú.

Quando criança sempre tive contato com crianças cegas, participava das confraternizações do trabalho da minha mãe, ela trazia seus alunos para brincar e passear comigo e minhas irmãs. Por muitas vezes ficava a olhar os cegos, admirada com suas atitudes e capacidades. Todo este envolvimento me permitiu ter contato com vários níveis de deficiência visuais e vários cegos com diferentes tipos de desenvolvimento e essas diferenças era e é o que mais chama minha atenção, pois não é a cegueira que determina esse desenvolvimento, mas sim os aparatos que são oferecidos a estas pessoas para um melhor desempenho. Desta forma, senti uma enorme necessidade de procurar meios que pudessem auxiliar os cegos no seu desenvolvimento e descobrimento de suas habilidades, além de incluí-lo no meio social.

Com toda a ansiedade que existe em mim sobre os aspectos relacionados ao desenvolvimento do cego, verifiquei de perto como a arte auxilia neste processo ao observar o desenvolvimento do meu primo, que toca instrumentos desde os quatro anos de idade e hoje viaja o nordeste todo sozinho para realizar shows, além de fazer o curso de braille e procurar sempre adquirir mais conhecimentos nessas áreas.

Com o passar dos anos, ao adentrar a universidade, tive a possibilidade de conhecer mais sobre o assunto e entender que a arte auxilia a qualquer pessoa no seu desenvolvimento, então, surgiu a necessidade de compreender como ela pode auxiliar o cego no seu desenvolvimento e os benefícios que ela pode proporcionar. Assim, fui em busca de conhecer projetos e pessoas que fizessem este trabalho com as pessoas cegas e percebi que a arte possibilita uma melhor vivência em sociedade, uma maior habilidade motora, aumento da autoestima, entre outros aspectos.

Com todo este envolvimento na área, escolhi este tema para o meu trabalho de

conclusão de curso na busca de aprender mais sobre o tema e repassar meus conhecimentos às outras pessoas, a fim de despertar o interesse de pais, familiares, escolas e sociedades para a importância da arte em todo o processo de desenvolvimento do cego.

Este trabalho busca focar a atenção no desenvolvimento da pessoa cega e como a arte auxilia nesse processo. Para compreender o desenvolvimento destas pessoas surge, portanto, a necessidade de entender como ocorre a aquisição do conhecimento, o seu processo de aprendizagem, o seu desenvolvimento e as dificuldades que os cercam neste processo, além da contribuição que a escola, família e sociedade podem oferecer com a estimulação precoce e a adaptação do ambiente para receber essas pessoas com necessidades diferenciadas. Para compreendermos como a arte os auxilia no seu desenvolvimento, faz-se necessário um aprofundamento do conhecimento de como ocorre a utilização dos sentidos pelas pessoas cegas e a importância que cada um tem para estas pessoas.

Neste trabalho será relatada a importância do ambiente no qual a pessoa cega está inserida, assim como a família, a escola e os amigos a tratam, pois um dos motivos que pode influenciar numa possível dificuldade de aprendizagem é por não conseguir aprender no ritmo predominante da turma ou com determinada metodologia utilizada em sala de aula, como também em decorrência da falta de estímulos por parte da família e o preconceito da sociedade.

A princípio a pesquisa foi bibliográfica, sobreveio um pouco de dificuldade em razão de poucos estudos existentes hoje sobre o assunto, sendo necessário que os capítulos fossem divididos e a pesquisa sobre cada tema ocorresse de forma individual. O primeiro capítulo retrata sobre o desenvolvimento do cego, como a estimulação precoce auxilia neste processo e como a família, escola e sociedade podem acelerar ou atrapalhar este processo. Neste capítulo também será relatado que o cego tem o seu cognitivo preservado e que muitas vezes a falha no seu processo de aquisição do conhecimento ocorre por falta de preparo da família, escola e sociedade para receber e desenvolver estes indivíduos.

O segundo capítulo abordará a importância dos sentidos sensoriais e como os mesmos auxiliam o cego na falta de um dos sentidos (a visão). Será observado como o tato, a audição, o olfato e o paladar se reorganizam a fim de suprir a falta da visão e como a estimulação destes sentidos se faz necessária para um melhor uso dos mesmos.

No capítulo seguinte a arte se faz presente, é neste capítulo que ocorrerá uma reflexão sobre a importância do uso da arte por pessoas cegas e como ocorre seu desenvolvimento a

partir do contato com a arte. Além da reflexão, será possível compreender como a arte atua no processo de aprendizagem e socialização do cego através de relatos e projetos que são exemplos de como a arte contribui na formação destas pessoas e que é possível um desenvolvimento pleno na pessoa cega a partir da estimulação através da arte.

Logo após o estudo teórico e relatos de projetos de arte para deficientes visuais, será relatado a entrevista feita com três músicos do Ceará, utilizando a metodologia de entrevista aberta para conseguirmos um maior número possível de informações sobre o tema exposto, segundo a visão dos entrevistados, e também para obtermos um maior detalhamento do assunto em questão, com questões exploratórias de forma livre e logo depois a transcrição e a ligação dos relatos dos entrevistados com a teoria anteriormente trabalhada.

Por fim, conclui-se que a arte exerce forte contribuições no processo de desenvolvimento, aprendizagem, aquisição do conhecimento e socialização das pessoas cegas. Além de trazer benefícios de forma prazerosa, ela auxilia o cego no seu desenvolvimento motor, psicológico e cognitivo e faz com que o mesmo supere as barreiras impostas pela cegueira de uma forma fácil e se sentido parte da sociedade. Conclui-se que a arte é necessária na vida de qualquer ser humano e principalmente no dia-a-dia do cego, a fim de lhe auxiliar em todas as áreas da sua vida.

## 2. O CEGO E SEU DESENVOLVIMENTO

[...] Para nós deficientes visuais, a visão encontra-se muito longe de estar circunscrita ao sentido exteriorizado pelos olhos. Na verdade, ela é construída na mente, assim como o é para aqueles que possuem o sentido da visão. O grande diferencial encontra-se no meio pelo qual a mente recebe a informação. Para alguns, a informação chega por meio dos olhos; para outros, chega por meio dos ouvidos, do tato, do olfato e do paladar. Além, é claro, de toda a bagagem que a cada um de nós arrebanhou ao longo da vida e que é utilizada para interpretar a informação recebida, seja qual for o meio pelo qual ela foi captada. Daí, duas pessoas vêem a mesma foto, mas cada uma delas tem a sua visão particular da mesma. [...] Eu me sento na varanda da minha casa, que fica a cerca de 50 km de São Paulo, e diante de meus olhos mentais, o relevo brota exuberante. Os vales e as montanhas se formam ricos de detalhes, decorados por grandes árvores com suas copas imensas e pássaros multicores. De que forma essa imagem se formou na minha mente? É porque sei que a região é cheia de monsthanhas. Você poderia perguntar como eu sei isso? Fácil! Quando estou dentro do carro, circulando pela região, percebo que o carro sobe e desce grandes ladeiras, faz muitas curvas, etc. Além disso, as pessoas que estiverem comigo, mesmo que eu não peça, sempre descrevem o que vêem. Por exemplo, quando chegamos a um determinado local próximo à minha casa, as pessoas dizem: "Nossa! Aqui é tão alto que no pôr-do-sol parece que estamos acima do sol". E assim por diante, seguem descrevendo sua imagem do sol, do vale que está logo à frente, das matas, etc. Também percebo o cheiro das matas, o frescor da brisa por entre as árvores, etc. Você consegue perceber que todas essas informações fica fácil montar a imagem. É como num livro. O autor descreve as imagens, e você viaja junto com ele. (FARIAS, 2003, s/ pág.<sup>1</sup>)

Podemos perceber através do relato de Sérgio Faria, cego congênito, que a cegueira sozinha não gera dificuldades cognitivas e nem compromete o processo de desenvolvimento e de aprendizagem, não o impedindo de sonhar e lutar pelos seus sonhos. Isto também fica claro no depoimento de Moraes, um artista que ficou cego através de uma degeneração do globo ocular, quando afirma que “ser cego era, para mim, como ainda é hoje, apenas um detalhe. Não lamento por isso, pois não tenho sonhos que não estejam ao meu alcance”(MORAES, 2012, p.32), nota-se então que a cegueira não o impede de sonhar e alcançar os sonhos. Com estes relatos percebemos que o cego pode ter uma vida normal e um desenvolvimento adequado, mas para isto não podemos esquecer que precisa ocorrer uma estimulação e todo um aparato pedagógico.

Neste capítulo iremos dialogar sobre o desenvolvimento do cego, a importância da

---

<sup>1</sup> FARIAS, Sérgio. Como eu vejo e como os outros acham que eu não vejo. Rede Saci, 2003. Disponível em <http://saci.org.br>. Acesso em 19/12/2012

estimulação precoce para este desenvolvimento, a capacitação dos professores, da família e da sociedade para receber e auxiliar a pessoa cega no seu aprendizado, e também iremos relatar as dificuldades que os cegos encontram para ter uma vida em sociedade, como infraestrutura, escolas preparadas para recebê-los e uma comunidade pronta para suprir suas necessidades.

## 2.1 O desenvolvimento do cego

A visão que o cego tem do mundo é uma riqueza única incomparável e deve passar a ser vista como uma apreensão integral da realidade, não uma carência de visão, não uma castração de um órgão, mas a existência suficiente de um ser humano completo. (MONTE ALEGRE, 2003, p.12)

O deficiente visual, não é simplesmente deficiente, mas existem várias características visuais incluídas neste tipo de deficiência que difere um do outro em seu grau de cegueira. Para que se tenha um conhecimento real do grau da deficiência visual de cada pessoa é necessário que ocorram exames médicos quanto exames a nível funcional da visão, para que seja descoberto o grau de cegueira ou baixa visão e se há ou não resquícios luminosos, para que assim o indivíduo possa ter melhores condições de inclusão social, de acesso aos bens culturais disponíveis na sociedade e de usufruir de seus direitos enquanto cidadão e assim possam ser utilizados os devidos recursos para cada indivíduo auxiliando melhor na sua deficiência e desenvolvimento.

A cegueira é uma deficiência visual caracterizada pela impossibilidade de apreensão de informações do mundo pela visão. Existem dois tipos de cegueira: a total, que apresenta ausência total de visão, e a parcial, em que existe alguma percepção luminosa que pode determinar formas a pequena distância. Sobre tais definições, Rocha citado por Lima (2006) afirma que:

O conceito de cegueira não é absoluto, 'pois reúne indivíduos com vários graus de visão residual. Ela não significa, necessariamente, total incapacidade de ver, mas sim prejuízo dessa aptidão a níveis incapacitantes para o exercício de tarefas rotineiras'. Desse modo, uma baixa acuidade visual pode significar uma cegueira total ou parcial. Próximo à cegueira total estão os indivíduos que só têm percepção e projeção luminosas. A projeção luminosa implica a distinção entre claro e escuro. A projeção implica identificar também a direção de onde provém a luz. A cegueira total pressupõe completa ausência da visão. A visão é nula, sendo

que nem a percepção luminosa está presente.<sup>2</sup>

A cegueira pode ser congênita ou adquirida ao longo da vida por lesões no olho, nas vias ópticas ou nos centros nervosos superiores. Essa diferenciação da cegueira ocasiona níveis diferentes de desenvolvimento no cego, pois na cegueira adquirida o cego traz consigo as imagens visuais, o conhecimento e uma memória visual obtida quando ainda tinha a visão, facilitando sua compreensão do mundo e sua aprendizagem, já na cegueira congênita o cego não tem memória visual ou resquícios de uma imagem construída através da visão. Podemos entender melhor com a afirmativa de Sá e Simão (2010, p. 30):

A ausência da visão manifestada durante os primeiros anos de vida é considerada cegueira congênita, enquanto a perda da visão de forma imprevista ou repentina é conhecida como cegueira adquirida ou adventícia, geralmente ocasionada por causas orgânicas ou acidentais.

A visão é, sem dúvida, um dos sentidos mais importantes para o ser humano, pois permite uma percepção privilegiada do mundo, é sobre ela, que na maioria das vezes, se constrói o conhecimento; conceito, métodos e atitudes, mas a visão não é a única forma de construção do conhecimento. Para pessoas que não utilizam a visão como meio de aquisição do conhecimento, a aprendizagem ocorre de maneira diferenciada. Ela parte da estimulação precoce dos outros canais de percepção sensorial, da potencialização dos sentidos remanescentes e do uso dos mesmos como veículos de acesso ao conhecimento, facilitando a obtenção da aprendizagem. Vygotsky (1995, p. 12) afirma que “uma criança cujo desenvolvimento está complicado pelo defeito não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que as outras, mas uma criança que se desenvolve de outra maneira”. Assim como Vygotsky, Fraiberg (1989, p.15) acredita que uma pessoa cega não é menos desenvolvida que qualquer outra pessoa, mas se desenvolve de maneira diferenciada, singular, ele afirma que:

O processo de crescimento e desenvolvimento da criança cega é semelhante ao das videntes em virtude do crescimento ser sequencial, com as mesmas etapas. É diferente porque cada criança se desenvolve de acordo com seu ritmo, potencialidades, acrescentando aí a limitação visual. Apesar disso as semelhanças entre todas as crianças são maiores do que as diferenças.

---

<sup>2</sup> LIMA, P. Educação Inclusiva e Igualdade Social. Ed. AVE AVERCAMP. 1ª ed. 176 p, São Paulo, 2006. Disponível em <http://crv.educacao.mg.gov.br>. Acesso em: 25/11/2012

Para Vygotsky, uma criança com deficiência não é menos desenvolvida que as outras, apenas se desenvolvem de maneira diferenciada. Sendo assim, não há carência de um ou outro sentido nas pessoas com deficiência, mas sim a reestruturação dos outros sentidos como forma de criação de outra personalidade e o surgimento de uma nova formação para representar um corpo, assim ocorrerá a manifestação das capacidades e habilidades com os sentidos remanescentes. Ele afirma que:

Cegueira não é apenas a falta da visão, meramente a ausência da visão (o defeito de um órgão específico), senão que assim mesmo provoca uma grande reorganização de todas as forças do organismo e da personalidade. A cegueira, ao criar uma formação peculiar de personalidade, reanima novas forças, altera as direções normais das funções e, de uma forma criadora e orgânica, refaz e forma a psique da pessoa. Portanto, a cegueira não é somente um defeito, uma debilidade, senão também, em certo sentido, uma fonte de manifestação das capacidades, uma força. (VYGOTSKY, 1989, p. 74)

A cegueira impõe limites e exige adaptações do corpo humano e de todas as suas funções, porém não é impedimento ao desenvolvimento, ela apenas impõe caminhos distintos, fazendo com que a obtenção de conhecimento se faça através de uma organização sensorial diferenciada da dos videntes. O corpo do cego se reorganiza de modo singular para o seu desenvolvimento, e se as informações não chegam pela visão, é justamente pelos outros sentidos que há possibilidade do mesmo conhecer o mundo em que vive. Para Sacks (1995, p.138):

[...] os cegos constroem seus mundos a partir de sequências [temporais] de impressões (táteis, auditivas, olfativas) não sendo capazes, como as pessoas com visão de uma percepção visual simultânea, de conceber uma cena visual instantânea.

Através da afirmativa anterior podemos perceber a importância da estimulação precoce dos outros sentidos sensoriais que não seja a visão nas pessoas cegas, proporcionando uma adaptação na forma em que acontece a aquisição do conhecimento, para facilitar seu desenvolvimento e a percepção do que ocorre ao seu redor. A estimulação precoce dos cegos é essencial para um desenvolvimento pleno e proporcionar uma aquisição do conhecimento e o desenvolvimento na idade certa e de forma significativa.

## 2.2. Estimulação precoce

Para que uma pessoa realize um movimento com estabilidade e proporção será necessário que haja uma orientação apropriada para o relacionamento com o espaço de sua ação. Somente quando isto for alcançado, a mobilidade poderá acontecer de forma segura e eficiente. Conclui-se que, no movimento de uma pessoa através do espaço, a orientação vem em primeiro lugar e a mobilidade em seguida. (GARCIA, MORAES & MOTA, 2001, p. 61)

O corpo da pessoa cega é constituído de movimento, pensamento, razão, emoção, sentimentos e sonhos. Sua limitação está relacionada à percepção visual; entretanto suas outras fontes de percepção estão ilesas e possibilitam o contato com meio e a aprendizagem. Ele necessita pegar, manipular e sentir, a fim de perceber a realidade concreta e conhecer, de fato, os objetos. A fim de que esta percepção aconteça é necessário que seja estimulado e permitido que o cego explore o ambiente. Para facilitar este processo é necessária a interação dos sentidos, facilitando a percepção e aprendizagem. A limitação do cego é apenas no sentido da visão, os outros sentidos permanecem perfeitos e necessitam de estimulação para uma aprendizagem significativa, como afirmam Cazé e Oliveira (2008):

A limitação do indivíduo cego está relacionada à percepção visual; entretanto suas outras fontes de percepção estão intactas e possibilitam a aprendizagem. Aqui a regra válida é que cada indivíduo tenha a possibilidade de explorar o ambiente, buscando novas formas de interação, ampliando suas capacidades multissensoriais para uma aprendizagem significativa, reorganizando os conhecimentos pela interação dos sentidos não comprometidos. (CAZÉ & OLIVEIRA, 2008)<sup>3</sup>

O desenvolvimento de qualquer pessoa está relacionado aos estímulos que lhes são proporcionados e ao meio em que está inserida. A pessoa cega não se diferencia das outras, mesmo com um sentido comprometido, ela tem capacidades de desenvolvimento como qualquer outra pessoa, desde que lhe sejam dadas as condições adequadas para seu desenvolvimento e o estímulo precoce, ou a partir do descobrimento da cegueira. Por isso, faz-se necessária a preparação das famílias, da sociedade e dos sistemas de ensino para receber este cego e fazer uma adaptação no meio em que ele vive, como forma de estimular

---

<sup>3</sup> CAZÉ, Clotildes Maria de Jesus Oliveira; OLIVEIRA, Adriana da Silva. Dança Além da Visão: Possibilidades do corpo cego. Goiais, 2008. Disponível em



os outros canais sensoriais e que a obtenção do conhecimento ocorra por vias alternativas, que não seja o visual. Laplane e Batista (2008) afirmam que a deficiência visual não é empecilho para o desenvolvimento:

Embora, de acordo com os teóricos do desenvolvimento, a deficiência visual em si não constitua um obstáculo necessário para o desenvolvimento e para a aquisição de conhecimento, a trajetória escolar de muitas crianças com deficiência visual acaba sendo mal-sucedida devido a um conjunto de fatores que envolvem desde os serviços de detecção e a intervenção precoce, incluindo-se, aí, a assistência à criança e a orientação à família, até a instrumentalização dos professores para utilizar, com cada faixa etária e com cada criança, os recursos que promovam o interesse e a participação plena nas atividades da escola. (LAPLANE & BATISTA, 2008, p. 225)

As pessoas cegas, desde cedo, devem ser estimuladas à criação de novas experiências, uma vez que isto não ocorra poderá ocasionar atrasos significativos no desenvolvimento motor e cognitivo por falta de estimulação precoce. Na maioria das vezes que não acontece a intervenção de adultos, ocorre o atraso no desenvolvimento e restrições motoras por falta de mobilidade, uma vez que não existe nenhum estímulo exterior, não lhe trazendo incentivo ao movimento, à curiosidade e ao conhecimento de si e do outro. Para que as pessoas cegas não sofram perdas de informações, no armazenamento de conhecimentos e na aquisição de novas informações e habilidades, é necessário que ocorra um programa de orientação e mobilidade, trabalhando a motricidade e uma estimulação dos demais sentidos, com o intuito de suprir as dificuldades causadas pela cegueira:

Quanto menos o deficiente visual interage no ambiente sociocultural, menos oportunidade ele tem para formar conceitos e mais ele se fecha dentro do “seu mundo” particular. A falta de estimulação causa uma defasagem no desenvolvimento cognitivo, caracterizada, neste caso, justamente pela dificuldade na formação e utilização de conceitos. Esta defasagem é uma situação conjuntural e não estrutural do desenvolvimento da pessoa cega. (FERRARI e CAMPOS, 2001, s/ pág.).

Uma criança cega tem toda a capacidade de se desenvolver plenamente se for estimulada corretamente e isto precisa ser percebido por todos da sociedade, para que seja desmitificada a cegueira, que é vista por uma grande parcela da população como algo que condena as pessoas a uma vida dependente e segregada. Um cego quando é bem estimulado desde a infância ou no início da sua cegueira tem uma predisposição de se tornar um adulto

autônomo, sujeito da sua própria vida. É durante o período de infância que é necessário proporcionar à criança cega, as mais variadas vivências, a fim de que ela construa seus conceitos próprios, sejam capazes de viver sem a ajuda de terceiros, trabalhando, estudando e tendo uma vida independente.

Quando a criança cega não recebe auxílio para seus descobrimentos e aprendizagens, além das implicações diretas que são da deficiência, poderá sofrer efeitos indiretos, originários da cultura, da sociedade e do meio em que vive. Esses efeitos diretos e indiretos são interligados e afetam a vida, o desenvolvimento da criança e, principalmente, a capacidade de orientação e mobilidade de forma significativa, excluindo-a da sociedade e restringindo-a apenas ao ambiente em que vive, tornando-a um indivíduo sem autonomia e totalmente dependente do outro. Nogueira (2002, s/ pág.) ressalta a importância da estimulação precoce:

É importante ressaltar que, quanto mais cedo for feita a identificação de uma necessidade especial, mais facilmente os especialistas poderão realizar o planejamento de programas de estimulação, de reabilitação, de desenvolvimento e de reforço, que, devida e sistematicamente orientados e executados, poderão salvar a integridade do potencial de aprendizagem.<sup>4</sup>

O cego precisa da estimulação e do contato sensorial com o mundo, com muito mais frequência que as outras pessoas, e para isto a sociedade precisa fornecer os recursos necessários para o seu desenvolvimento da linguagem, motricidade, competências, autonomia, entre outros, além de eliminar barreiras, proporcionar um ambiente saudável e fornecer uma educação adequada, sem preconceitos ou barreiras, sabendo que o cego tem o seu cognitivo preservado e capacidade como qualquer outro. É importante que a pessoa cega seja respeitada na sua forma de construir conhecimento. Coimbra (2003, p. 168) afirma que:

O uso de estímulos sensoriais com o propósito de transformá-los em percepção e construção de significados depende, assim, de que aquele portador possa viver ativamente as experiências de aprendizagem, utilizando o contato com o seu próprio corpo e dos seus pares, pois a imagem ou consciência corporal fornece informações mais consistentes e estáveis, possibilitando a organização das suas ações no tempo e espaço.

---

<sup>4</sup> NOGUEIRA, Mário Lúcio de Lima. A importância dos pais na educação segundo a percepção de universitários deficientes visuais". . Revista IBC, Edição 23, dezembro de 2002. Disponível em <<http://www.ibc.gov.br/>>. Acesso em: 04/12/2012.

A estimulação precoce desde os primeiros anos de vida em crianças não videntes ocasiona uma melhora no desenvolvimento sensorial, psicomotor, emocional, cognitivo e da interação da criança com o meio que a cerca, com a familiar e a sociedade. A estimulação dos outros sentidos é primordial para que o cego obtenha uma vida autônoma e o seu desenvolvimento cognitivo aconteça de forma natural. Para isto é necessário que a estimulação ocorra a partir do descobrimento da cegueira, pois quanto mais cedo se iniciar esse processo, melhores resultados obterá.

A estimulação deve ocorrer diariamente, desde os afazeres de casa a rotina escolar, quando for às compras, ao restaurante, em todos os lugares, de modo que seja algo permanente, de tal forma que o cego esteja em constante desenvolvimento e descoberta do mundo ao seu redor, seja um ser que vê com o corpo todo. A pessoa cega necessita está em constante contato com o outro, pois é através deste contato que ocorrem as formações dos conceitos, como afirma Bruno (1993): “As estruturas mentais vão ser construídas pelas crianças, através de suas possibilidades de interação e ação sobre o meio e pela qualidade de solicitação do ambiente”.

Para o cego é importantíssimo à estimulação dos sentidos remanescentes para o seu aprendizado, tornando-se necessário o trabalho em conjunto da família, escola e sociedade, a fim de proporcionar ambientes e relações humanas capazes de servirem como facilitadores e estimuladores do processo ensino-aprendizagem, como afirma Gil (2000, p. 21) quando diz que:

[...] a criança deficiente visual (cega ou com baixa visão) desde o início sofre limitações em suas possibilidades de apreensão do mundo externo e de adaptação ao meio. Ela precisa contar com pessoas disponíveis para ajudá-la a explorar o mundo e a elaborar suas próprias informações, usando os demais órgãos dos sentidos – audição, olfato, tato e paladar – para ganhar autoconfiança e senso de equilíbrio.

Os sentidos sensoriais auxiliam no reconhecimento e apreciação dos objetos, como também na realização de atividades simples do dia-a-dia. A falta da visão intensifica o uso dos outros sentidos, fazendo com que eles se tornem mais aguçados e assim, o mundo possa ser "visto" e vivenciado pelo tato, olfato, audição e paladar, como afirma Vygotsky (1989, p. 84):

[...] a cegueira, como uma deficiência limitada, proporciona os impulsos para processos de compensação, que conduzem à formação de uma série de particularidades na psicologia do cego e que reorganizam todas as diferentes funções particulares inferiores ao ângulo da tarefa fundamental, vital.

A visão e a audição são os sentidos mais desenvolvidos e os principais para a aquisição de informações. Na falta da visão, a pessoa não-vidente busca se adaptar e desenvolver os outros sentidos para se comunicar com o mundo e adquirir conhecimento, tonando-se assim um ser apto para ter o seu desenvolvimento normal. O desenvolvimento aguçado dos sentidos restantes é o resultando da ativação contínua desses sentidos por força da necessidade. Portanto, não é um fenômeno extraordinário, mas uma necessidade para que ocorra uma adaptação e adequação do ser humano na sociedade, além de uma forma de buscar o conhecimento por outros meios que não seja a visão.

As pessoas cegas devem ser vistas não por suas limitações, mas sim por suas potencialidades e capacidades, para que assim os videntes possam se conscientizar da realidade dos cegos e auxiliá-los em seu desenvolvimento como um ser integral, pois os mesmos podem e devem ter a oportunidade de desenvolver seu mundo.

Além de toda a dificuldade que a deficiência causa para o desenvolvimento do cego quando não há estimulação, ainda existe a falta de formação nesta área dos profissionais que trabalham com educação, em que os mesmos deveriam auxiliar e estimular a aprendizagem dessas pessoas, desenvolver um planejamento em que valorize todos os tipos de percepção do corpo, bem como de estímulo ao movimento, buscando o controle e competência. Estimular a criança para o desenvolvimento de todo tipo de movimento significativo, que revele e o deixe seguro no ambiente onde estuda ou mora, exerce papel definitivo na formação da mesma. Logo abaixo iremos relatar as dificuldades encontradas pelos profissionais, familiares e a sociedade para trabalhar com este grupo e a falta de preparo dos mesmos.

### **2.3. A colaboração das escolas, dos familiares e da sociedade para o desenvolvimento do cego**

Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de

valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (SASSAKI, 1997, p.41)

Todos nós sabemos que existem dificuldades para se trabalhar com o "ser diferente" e possibilitar a plena inclusão do mesmo. São barreiras que brotam dentro da família, com a falta de aceitação, e transpõe para a sociedade, com os preconceitos e os altos custos para oferecer uma educação de qualidade com profissionais capacitados. Mas essas dificuldades precisam ser enfrentadas e o deficiente ter seu espaço na sociedade, não ser mais visto como um "coitado" ou indigente, mas sim ser reconhecido por todo o seu potencial. Para isto precisamos da aceitação da família, uma maior capacitação dos professores, além de um olhar diferenciado da sociedade. É através do auxílio da sociedade que o cego encontra a possibilidade de se desenvolver, como é afirmado na série do MEC, Saberes e Práticas da Inclusão "Cabe à sociedade cooperar e dar oportunidade para esses indivíduos, que têm limitação em seu relacionamento com o mundo, possam desenvolver e usufruir de toda a sua capacidade física e mental." (SENAI, 2007, p. 29)

Os cegos podem trabalhar, viver, ter e sentir todos os aspectos emocionais e intelectuais como todos os outros seres humanos podem ter. A cegueira coloca um limite maior, não por impossibilidade do cego, mas sim como consequência de uma sociedade cheia de preconceitos, que muitas vezes o vê como um incapacitado, colocando mais obstáculos para eles superarem, como a rejeição, a falta de infraestrutura, o estímulo da baixa estima e os caracterizando-os com coitados e incapazes de realizar tarefas que seriam simples para os mesmos, além de proporcionar oportunidades para o crescimento e desenvolvimento dos não-videntes. A carga mais pesada para os cegos, não é a deficiência em si, mas sim como os mesmos são vistos perante a sociedade e é esta "visão" que contribui para uma desvantagem, como afirmam Telford e Sawrey (1988, p. 463):

Os estigmas da cegueira que contribuem para a sua desvantagem total consistem num conjunto de conceitos ou falsas concepções populares, que resultam em práticas sociais suficientemente compatíveis com essas falsas concepções a ponto de, ao apoiá-las, constituírem uma profecia autocumpridora dos estereótipos populares da cegueira contém componentes contraditórios. De um lado se encontram os traços supostos de docilidade, dependência, desamparo, desanimo.

A sociedade, ao ver um cego trabalhando, jogando bola, lendo, escrevendo livros, usando celulares e computadores, sendo locutores de rádio, artistas, entre outras atividades

normais, os veem como super-heróis e ficam espantados com a capacidade do cego exercer essas funções de forma plena, como se os mesmos não fossem capazes de realizar qualquer atividade, até as mais simples, de forma natural e com o mesmo desempenho que um vidente.

Para os pais, os profissionais e as instituições em geral, a impossibilidade do ver confunde-se com a impossibilidade do existir, do aprender, do comunicar-se, do relacionar-se, do fazer parte, entrar para a cultura e tornar-se sujeito. (ORMELEZI, 2006, p.176).

Na visão de Ormelezi (2006) o cego muitas vezes deixa de usufruir como sujeito de uma sociedade e fica impossibilitado de “existir” por conta do modo como as pessoas que estão ao seu redor lhes tratam. A família quando descobre que a criança é cega acaba por “proteger”, proibindo-a de ir à escola, brincar e ter uma vida normal, e na maioria das vezes, deixa a mesma ociosa, fazendo com que seu desenvolvimento cognitivo e motor fiquem atrasados. Sem a motivação adequada, a criança não anseia por explorar o ambiente, já que não enxerga e não tem motivação para uma exploração tátil. A falta dessa motivação faz com que na maioria das vezes a criança mantenha-se passiva diante do mundo que a cerca, conhecendo-o apenas pela percepção que o outro lhe transfere. Fraiberg (1989, p.14) afirma que o "ambiente familiar e a atitude dos pais afetam bastante o desenvolvimento da criança".

Em relação à família, muitas vezes, eles deixam de trabalhar a estimulação precoce, os conceitos básicos para sua formação, oferecer ambientes de aprendizagem e deixa de estimular os sentidos e aquisição do conhecimento, por não aceitarem a cegueira e procurarem uma cura, através da ciência ou da religião, inicialmente ao descobrirem que a criança tem comprometimento na visão. Estas questões contribuirão para o atraso no aprendizado da mesma, uma vez que ela chega à escola com inúmeras dificuldades, para compreender certos pré-requisitos que deveriam trazer de casa, pois a criança cega não aprende por imitação devido à falta da visão, dificultando assim seu processo de aprendizagem.

A participação da família tem suma importância no processo de desenvolvimento cognitivo, físico, sócio-afetivo e cultural do cego. Quanto maior for o apoio da família no enfrentamento e aceitação do problema, maiores serão os benefícios no desenvolvimento

global da pessoa cega, e maiores serão também as chances desta buscar mecanismos que venham a favorecer a sua inclusão na sociedade.

A pessoa cega pode e deve desenvolver-se como um ser absoluto, levando em consideração suas potencialidades e não suas limitações. Para que isto ocorra devem ser desfeitos os pré-conceitos e as ideias construídas pelos videntes a respeito dos não-videntes. Ideias estas que desprezam e não visualizam a real necessidade que os cegos têm e impossibilitam um desenvolvimento pleno para estes indivíduos, sem que sejam imposta as estruturas de uma aprendizagem "visual", impossibilitando propostas educacionais voltadas para o desenvolvimento de todas as potencialidades dos mesmos. A educação exemplar para as pessoas cegas é aquela que respeita a diversidade e trata cada um segundo sua singularidade, como relata a Declaração de Salamanca (1994, p.10):

[...] o reconhecimento da necessidade de se caminhar rumo à escola para todos, um lugar que inclua todos os alunos, celebre e diferencie, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais. E a escola deve caminhar em busca de um espaço educacional que atenda a todos no contato com a diversidade que os programas educacionais devem dar acesso a todos à escola regular, que deve acomodar os alunos em uma pedagogia centrada no sujeito, capaz de satisfazer às suas necessidades.

Para que seja possível uma educação para todos é necessário que se tenha profissionais preparados e capacitados para oferecer uma educação de qualidade e facilitar a aquisição do conhecimento por meios de atividades que possam ser trabalhadas e vivenciadas por todos e o uso de materiais que auxiliam na aprendizagem significativa. Para que isto aconteça é necessário que o professor esteja em constante formação, participando de cursos de capacitação, oficinas, seminários, palestras, os quais propiciam tanto à aquisição de conhecimento formal, quanto o conhecimento das necessidades dos seus alunos. A educação do cego precisa de professores especializados nesta área e de métodos e técnicas específicas de trabalho, instalações e equipamentos especiais, bem como algumas adaptações ou adições curriculares. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998):

Considerar a diversidade que se verifica entre os educandos nas instituições escolares requer medidas de flexibilização e dinamização do currículo para atender, efetivamente, às necessidades educacionais especiais dos que apresentam deficiência(s), altas habilidades (superdotação), condutas típicas de síndromes ou condições outras que venham a diferenciar a demanda de determinados alunos

com relação aos demais colegas. (BRASIL, 1998, p.13)

Para que uma pessoa cega consiga ter um desenvolvimento de forma plena é necessário que se ofereça uma educação que respeite seus limites, com adaptações adequadas para seu pleno desenvolvimento pessoal, social e que corresponda satisfatoriamente para seu desenvolvimento. Respeitando seus limites com adaptações adequadas para seu pleno desenvolvimento pessoal e social.

A sociedade, em sua maioria, é desinformada, não acredita que o cego tenha seu processo de desenvolvimento semelhante ao de um vidente, por isso encontra-se uma barreira maior para que o mesmo tenha uma educação digna e descubra no seu percurso escolar profissionais que atuem na área, e os que atuam encontram dificuldades para proporcionar experiências compensatórias à perda da visão, mas deve-se buscar sempre informação e métodos que os auxiliem nesse trabalho, como afirma Garcia et al (2001, p. 28):

[...] deve ficar claro, no caso a educação de crianças cegas, independentemente da concepção pedagógica ou linha metodológica adotada pela escola, não se pode negligenciar o desenvolvimento integral, a utilização de técnicas específicas fundamentais ao êxito e eficácia do processo de aprendizagem da leitura-escrita pelo sistema braille.

O cego necessita do apoio da sociedade, da família e da escola para que tenha todas as potencialidades desenvolvidas e leve uma vida normal, lutando pelos seus objetivos e vencendo os desafios que a vida impões. A pessoa não vidente precisa da convivência em grupo, para que a mesma sinta-se plenamente integrada a sociedade, ao grupo, que desenvolva o sentimento de aceitação e que possa participar de todas as atividades realizadas junto com as demais, possibilitando ambientes de desenvolvimento e de crescimento, onde a pessoa vai aceitar sua “limitação” e lutar para vencer os obstáculos. Vygotski (1995) afirma que os próprios cegos sentem-se pressionados a mostrar de forma compensatória o seu valor, já que cegueira é vista como um desvio social:

A cegueira cria dificuldades para a participação do cego na vida. Por esta linha se ativa o conflito. Na realidade, o defeito se projeta como um desvio social. A cegueira coloca o seu portador numa determinada e difícil posição social. O sentimento de inferioridade, de insegurança e debilidade surgem como resultado da valorização, por parte dos cegos, de sua posição. Como uma reação do aparato psíquico se desenvolvem as tendências em direção à supercompensação. Estas



tendências estão dirigidas à formação de uma personalidade de pleno valor no aspecto social e à conquista de uma posição na vida social (VYGOTSKI, 1995, p. 78)

A barreira da exclusão dos cegos na sociedade só poderá ser vencida, quando todos perceberem que fazem parte do processo de inclusão, não é apenas a escola, o professor, os pais e familiares, mas a sociedade como um todo, pois ela exerce um papel de extrema relevância na construção da identidade do cego. Afinal, os limites que a deficiência impõe só serão superados a partir da convivência com o diferente, de tal modo que neste convívio, o não-vidente possa reconhecer seus limites e estabelecer as possibilidades de superação dos obstáculos que lhe é imposto, com situações que estimula a superação e quebra das barreiras.

O natural do ser humano é que cada um tenha suas particularidades, se diferenciem nas suas potencialidades, habilidades e capacidades, buscando de forma diferenciada obter o seu desenvolvimento. Com a pessoa cega não seria diferente, por não possuir a visão e na tentativa de adaptar-se busca formas de interação com o mundo por meio dos outros sentidos e uma aprendizagem singular.

A sociedade e, principalmente, os profissionais da educação e os familiares, necessitam reconhecer essa singularidade, perceber que a cegueira não impossibilita que o indivíduo interaja com o mundo, tenha uma vida social e um desenvolvimento normal. Mas sim, precisam compreender que a estimulação precoce, o auxílio dos familiares, um ambiente adequado e profissionais capacitados, pode oferecer a um cego um desenvolvimento eficaz, onde os outros sentidos possam “compensar” a função da visão. Com o auxílio e os aparatos necessários, embora com maior esforço, o cego terá uma aprendizagem tão satisfatória como a do vidente.

Para entendermos melhor como acontece o desenvolvimento dos cegos e como os profissionais da educação e familiares podem estimulá-los através dos sentidos sensoriais, iremos relatar como ocorre o uso do tato, audição, olfato e paladar por eles e quais as contribuições que a estimulação e o uso destes sentidos trazem para o seu desenvolvimento.

### 3. OS SENTIDOS

[...] como se a língua, o nariz, os olhos, os ouvidos e o tato tivessem sido amortecidos ou castrados. A comida, caso você ainda tenha notado, exige a “intersensibilidade” (palavra que acabo de inventar, irmã da “interdisciplinaridade”). O torresmo, para ser bom, tem de fazer o barulhinho típico: prazer para o ouvido. O refrigerante, para ser bom, tem de ter o pinicado das bolhas de gás: prazer para o tato. E tem de ser bonito para os olhos: há pratos que são servidos com flores. E tem de ter o cheiro erótico dos temperos. Tudo isso se consumando na boca. Mas, para isso, os sentidos têm de ser educados. Eles precisam aprender a “prestar atenção”. (ALVES, 1999, s/ pág.<sup>5</sup>)

É através dos sentidos (tato, audição, olfato, paladar e visão) que nos adaptamos ao mundo e o nosso corpo percebe o que se tem ao redor, facilitando a nossa interação com o ambiente, com as pessoas e com a comunidade. Os cinco sentidos estão em constante relação com o mundo e nos auxiliam na compreensão do ambiente e dos acontecimentos, além de facilitar o nosso contato com o outro. Através deles é que se adquire o conhecimento e se torna um ser capaz de aprender e viver em sociedade. Os sentidos proporcionam que todas as pessoas interajam entre si e com o mundo através deles, mas para que isto ocorra, para que se interaja com o outro e se adquira o conhecimento através dos sentidos sensoriais, é necessário que se receba, transporte e transforme estímulos em informações indispensáveis para a leitura e compreensão do meio em que se vive.

Todo ser humano se relaciona com o meio através dos sentidos, além disso, são os grandes responsáveis pelas diferentes sensações que vivenciamos, como ver, tocar, ouvir e sentir cheiros. Cada pessoa tem um sentido que utiliza mais que os outros para adquirir o conhecimento, alguns utilizam mais a visão, outras tem a audição mais aguçada, o tato ou o paladar, enfim, todo ser humano se comunica com o mundo e constrói uma imagem de si e dos outros através dos sentidos. Percebemos isto ao ler o relato de Hellen Keller, uma surda-cega desde os dezoito meses de vida:

Distraía-me seguindo as cercas de bucho com as mãos, para colher os primeiros lírios e violetas desabrochadas que eu descobria apenas com o olfato [...] de repente, meus dedos encontravam uma planta que eu reconhecia pelas folhas e

---

<sup>5</sup> Caro Professor, País, ETC., em Correio Popular, 10 de outubro de 1999.

flores ... percebia quando mamãe e titia iam sair, pegando nos seus vestidos [...]. [...] pela vibração da pancada da porta fechando, e por outras vibrações indeterminadas, percebia que chegara visita (KELLER, 1939, p. 14).

Os sentidos sensoriais são a porta de entrada para a aquisição do conhecimento no corpo humano, a união e o estímulo deles facilitam no processo de aprendizagem. Ao ter contato com objetos, indivíduos ou paisagens, as pessoas utilizam os cinco sentidos sensoriais, despertando em cada um dos indivíduos lembranças ou recordações diferenciadas, de acordo com prévio conhecimento, proporcionando assim uma reação, percepção e resposta diferenciada a frente da mesma situação.

O corpo do cego não possui um dos sentidos, a visão, então para ele o uso dos outros sentidos, principalmente o tato, compreende a mesma ação na percepção de mundo que a visão para os videntes. A pessoa cega tem uma percepção de mundo de uma forma diferenciada, através dos outros sentidos, que não seja a visão, como Porto afirma que “para um cego, é todo o corpo que de algum modo se torna órgão da vista, qualquer parte do corpo pode olhar um objeto que lhe seja exterior” (PORTO, 2002, P. 72). O vidente cria sua imagem do mundo através da visão, enquanto o não vidente precisa encontrar mecanismos diferentes de perceber e criar uma imagem do mundo. E, é nesta descoberta que o corpo cego cria sua identidade, sua maneira de ver, de olhar, conforme Sacks (1995, p.155):

Se dá uma profunda adaptação, ou reorientação, pela qual o cego reconstitui esse (re)apropriar do mundo em termos não visuais. Ela se torna então um estado diferente, uma forma diferente de ser, com suas próprias sensibilidades, coerência e sentimentos.

O uso dos sentidos não deve ser considerado de forma isolada, atribuindo a um sentido mais importância do que os outros, não deve-se colocar todo o valor da aprendizagem em um ou dois sentidos, desprezando os outros, mas é necessário saber que cada sentido tem sua função e cada pessoa, cega ou não, utiliza-o de acordo com seus objetivos e estímulos recebidos do meio em que se insere e das pessoas com quem convive, tendo uma maior facilidade de obter informações por um ou dois sentidos, mas isso não torna os outros sem importância, apenas cada pessoa tem uma forma singular de utilizar os sentidos sensoriais.

É importante que relatem um pouco sobre cada sentido remanescente do cego, para entendermos sua importância e seu uso para o desenvolvimento do cego e compreendermos

sua apreensão de mundo, além de, entendermos como ocorre a estimulação do cérebro para o processo de aprendizagem nos não-videntes.

### 3.1 Tato

Agora que toquei posso vê-lo(Sacks, 1995, pág. 137)

O sistema sensorial mais importante que a pessoa cega possui para conhecer o mundo é o tato. Através dele conhece a textura das coisas, as características do ambiente, a temperatura, o tamanho dos objetos, a largura, o comprimento, entre outros. O tato permite que eles tenham uma imagem tátil dos objetos, possibilitando a formação de uma imagem mental e a construção de signos e significados para os objetos e pessoas. Além de despertar sensações agradáveis, como por exemplo, quando recebe um afago, desperta alegria e amor, ou ruins, quando se corta, ou adquire um arranhão, instiga o sentimento de raiva e dor.

[...]Eu digo que, como não tenho a possibilidade de me posicionar no ambiente como um todo, me deixe pelo menos ver o que está ao alcance das minhas mãos! Esse costume de apalpar, às vezes, tão combatido, deve ser estimulado num cego, pois desenvolve seu interesse em buscar o conhecimento. (MORAES, 2012, p.67).

Com a leitura de Moraes (2012), percebemos que através do tato temos acesso a um grande número de informações e que os cegos sentem necessidade de tatear tudo, como forma de visualizar as coisas. Essa ação de tatear ocorre desde a infância, em que buscamos tocar os objetos, até mesmo àqueles que nos dizem ser proibidos, como forma de conhecê-los. Este ato de tatear as coisas nos faz sentir prazer, possibilitando o reconhecimento e a exploração do seu tamanho, textura, temperatura e forma. Mas devemos lembrar que o tato não se encontra somente nas mãos ou nos pés, mas este sentido se encontra no corpo todo, proporcionando sensações táteis que possibilitam uma relação direta com os outros sentidos. O tato como a principal forma de obtenção de informação para o cego.

A criança com cegueira precisa ter acesso e liberdade para explorar, manusear, tocar, bem como receber explicações verbais a respeito dos conceitos tateáveis, parcialmente tateáveis, não tateáveis e abstratos que a cercam, para que consiga apropriar-se adequadamente destes conhecimentos na escola e fora de lá. (DOMINGUES et al, 2010, p. 37)

Como vimos o cego tem a necessidade de tatear para adquirir o conhecimento de forma adequada. Para o cego o tato é um dos sentidos que mais possibilita o conhecimento. Através dele o mesmo consegue superar diversas dificuldades que a cegueira impõe de fazer uma leitura de mundo. O cego utiliza o tato para a leitura e escrita do Braille, sua locomoção, uso da bengala, conhecer objetos e procurá-los no ambiente, aprender formas, tamanhos, temperaturas, pressão, conhecer pessoas, seu tamanho e largura, o ambiente, a si próprio, o seu corpo, etc. É através desse sentido sensorial que ele vai fazer e refazer descobertas e conhecer um pouco mais do mundo ao seu redor. Para que o tato possa ser usado em sua totalidade é necessário deixar a curiosidade fluir, como afirma Moraes (2012, p. 66) quando diz que: "A curiosidade para um cego é fundamental. Eu sempre tive a fama de gostar de passar a mão nas coisas, de andar 'tateando'(...)".

As pessoas cegas sentem necessidade de tocar, tatear todas as coisas e pessoas, podendo assim se sentir parte do meio, participante das circunstâncias e situações que ocorrem ao seu redor, como relata Silva (2002, p. 41):

Existe outro detalhe curioso com relação à minha comunicação: sinto muitas vezes necessidade de segurar os rostos das pessoas, maneira que me faz sentir que estão conversando comigo e também para sentir como são aquelas pessoas. Minhas mãos são os meus olhos.

O tato, como a visão, busca formar uma imagem, encontrar características e peculiaridades dos objetos e pessoas para que possamos conhecê-los. Ao ver um objeto estranho o vidente o observa para conhecê-lo e ao rever o artefato ele apenas passa a vista rápida para o seu reconhecimento, com o cego ocorre o mesmo, ao tocar um objeto ele tem a necessidade de explorá-lo e saber suas especificações, abrindo-se, portanto a “visão” do cego, permitindo que ele conheça e faça uma imagem mental do objeto como um todo, e ao tocar o objeto pela segunda vez ele já não terá mais a necessidade de explorá-lo, o reconhecendo apenas com o toque rápido.

A vida tende a tornar-se bem mais difícil diante da ausência completa de visão; mas a vida torna-se efetivamente impossível, no que tange à posse integral dos cinco sentidos, apenas se uma pessoa não possui o tato. (GANZAROLLI, 2002, s/p.).

Como afirma Ganzarolli (2002), a vida sem o tato se torna impossível. Se este sentido não for estimulado no cego, seu uso se torna sem propósito. Por isso é de extrema

importância que seja estimulado o tato nas pessoas cegas, para assim ocorrer adaptação ao meio e a compreensão desse universo. Através do tato o cego tem o conhecimento necessário para a construção do seu eu, apalpando a si mesmo e o outro. No tato eles têm a ferramenta fundamental para a exploração, interação e conhecimento.

### 3.2 Audição

**Ouvir os sons do mundo é uma felicidade que somente os artistas recebem por nascimento. Os outros têm de aprender. Para isso há de haver os mestres da escuta. (ALVES, 2005, p.33)**

A audição é o sentido sensorial que permite o contato verbal entre as pessoas, possibilita uma fácil comunicação, o acesso do homem ao mundo dos sons e o contato com aquilo que está acontecendo a nossa volta, além de ser uma importante fonte de aprendizagem. Deste sentido também depende a segurança do indivíduo cego, o desenvolvimento da sua linguagem oral e a integração social. Ele permite que os ouvintes identifiquem aproximadamente 400.000 sons, relacionando-os com perigo, felicidade, música, som da natureza, entre outros.

Aqui, é bom salientar que as pessoas privadas da visão fazem um uso mais aguçado do ouvido, e é com ele que percebem quando termina um muro, quando passam por um poste, etc. Nós, cegos, percebemos aproximações de objetos, sem mesmo vermos nada. (MORAES, 2012, p. 89)

A audição, assim como o tato, se torna uma visão para os cegos, ele tem este sentido mais aguçado que um vidente, portanto se utiliza do mesmo para obter informações do mundo externo. Com os barulhos que o não-vidente escuta, calcula-se a distância dos carros, das pessoas com quem se está falando, os passos, o movimento dos objetos, os sons ao seu redor e até o mais distante barulho, além de obter informações e compreender o que se passa no meio em que está inserido. A audição não para de funcionar, ela está em uso mesmo quando estamos dormindo, servindo como alerta todo tempo. Ela proporciona informações de todas as direções e o seu uso já começa antes mesmo do nascimento e do primeiro contato com o mundo. Segundo Blanco e Rubio (1993, p. 83), "O ouvido diz ao cego parte do que o sistema visual não pode oferecer, especialmente sobre aquilo que está fora da possibilidade de um contato físico direto".

A audição, juntamente com o tato, permite que o cego discrimine os objetos,

localize e identifique as pessoas, detecte obstáculos e se proteja. A informação verbal e o estímulo tátil facilita a construção de seu sistema de significação, assim os dois sentidos atuando em parceria proporcionam um processo de conhecimento mais completo, facilitando a aprendizagem e tornando-a significativa.

Moraes (2012, p.94) relata que “o ouvido de uma pessoa cega não tem nada de melhor que o ouvido de ninguém. Apenas tem que cumprir a função de ouvido e de olho”, desta forma notamos que o cego não nasce com os outros sentidos mais eficazes do que os dos videntes, mas por necessidade e um uso maior dos mesmos, eles acabam por adquirir sentidos mais perspicazes, como uma forma de prover a falta da visão e “enxergar” por outro meio que não seja a visão, facilitando assim sua aprendizagem.

Segundo Nunes e Lomônaco (2008 p. 120) é importante referir que:

A audição, por meio da linguagem, é um sentido fundamental para o cego, pois muito do que ele não vê pode ser entendido pela linguagem. Para tal, ele precisa que pessoas videntes descrevam o que é visual. Entretanto, como os videntes estão menos acostumados a perceber o mundo pelos outros sentidos, isto exige do cego constantes "ajustes" daquilo que ele conhece por meio de suas percepções e daquilo que ele conhece pela fala dos que o rodeiam.

Como podemos notar na citação acima, a audição é um sentido importantíssimo, mas só tem seu real valor se for estimulado, se os videntes que cercam o cego fizerem uso da fala para descrever os objetos, lugares, pessoas e situações, desta forma se tornaria mais fácil a compreensão de mundo e a criação das imagens pelo cego.

### **3.3 Olfato**

Uma simples “fungada” e basta! Qualquer cheiro é o necessário para estimular a fome, acarretar atração ou repulsa, ou mesmo trazer de volta cenas do passado. Além disso, é por causa do olfato, um associado do paladar, que se sentem os tipos diferentes de sabores e se degusta com mais prazer.

O olfato nos permite sentir cheiros que nos levam ao reconhecimento de lugares como padaria, lanchonetes e oficinas, de pessoas, roupa limpa ou suja, distinção de líquidos, objetos e nos traz a lembranças situações vividas. O olfato é importantíssimo, pois ele nos permite encontrar comida, água, e até mesmo um companheiro ou companheira.

Este sentido tem conexão direta com a memória e as emoções desde o nascimento. Quando se é bebê o cheiro da mãe nos traz a sensação de paz, tranquilidade e segurança, as comidas nos chamam atenção pelo seu cheiro e até apelidamos os colegas pelo cheiro que eles transmitem. Quando crescemos memorizamos o cheiro das pessoas importantes, dos lugares e dos momentos marcantes, além de reconhecer a comida, e são esses cheiros que muitas vezes despertam as nossas lembranças, como afirma Duarte Jr.:

A memória olfativa com que contamos parece ser um aspecto marcante de nosso estar-no-mundo, parece ser um forte resquício animal preservado em nós mesmos diferenciado pela dimensão simbólica de que dispomos. Talvez pouquíssimos de nós não se deixem levar pelas lembranças despertadas por aromas que, vez por outra, invadem as nossas narinas, produzindo verdadeiros poemas mnemônicos em nosso ser. Inegavelmente, há cheiros específicos em nossa memória: os da infância, da escola, de certas férias, do perfume de um primeiro amor etc. Muito daquilo contido em nossas lembranças é, sem sombra de dúvida, eminentemente olfativo (DUARTE JR, 2001, p.99).

As pessoas cegas desde cedo necessitam receber orientações para utilizar e desenvolver o olfato o máximo possível e desta forma poder desenvolver mais a memória olfativa do que o “normal”, isto não quer dizer que os cegos tenham um olfato melhor do que os dos videntes, mas que prestam mais atenção aos odores presentes no ambiente do que os mesmos, fazendo com que eles reconheçam situações de perigo, as pessoas, por onde estão caminhando, onde estão localizados, enfim, tenham um maior conhecimento do que se passa ao seu redor. Logo a seguir temos o relato de uma surdocega falando da sua experiência com o olfato: “Durante mais de trinta anos vivi no silêncio e na escuridão, guiada pelo olfato. Através dele eu controlava os horários de levantar, de refeição, de deitar. Sabia se chovia, distinguia as pessoas, percebia perigos. (SILVA, 2002, p. 43)”.

Através deste relato podemos perceber que apesar de ser um sentido que pouco se descreve sobre a sua importância, ao ser estimulado ele pode ser bastante útil e servir como orientação, localização, reconhecimento, entre outras formas de utilizá-lo.

### **3.4 Paladar**

O uso do paladar e sua importância se iniciam desde a amamentação, onde o bebê tem seu primeiro contato físico e afetivo com a mãe, logo no início da sua vida, logo depois vem a descoberta dos sabores de outros alimentos, como a papinha e as frutas, fazendo com



que a criança já inicie o reconhecimento e passe a diferenciar os gostos, explorar e conhecer os diversos tipos de alimentos, iniciando assim a formação do seu paladar e uma identidade própria com relação às escolhas dos alimentos.

O paladar desempenha uma função importante em nossas relações sociais e culturais. Ele nos concede a habilidade de identificar os sabores dos ingredientes colocados sobre a língua, e isto nos proporciona as sensações que os alimentos nos disponibilizam, nos permitindo discriminar um alimento do outro, se o gosto é amargo, doce, salgado ou ácido. Além de possibilitar o reconhecimento dos alimentos, permite boas conversas sobre a degustação das comidas e bebidas, fazendo com que as pessoas conheçam um pouco dos gostos das outras.

Este sentido tem correspondência direta com o olfato, pois antes mesmo de experimentarmos uma comida já podemos perceber se é gostosa ou não e se está comestível ou vencida, apenas pelo aroma que ela emite, assim conclui-se que os dois sentidos trabalham em conjunto para o exercício de algumas de suas funções.

Todo ser humano tem a fase oral, em que é pelo o uso da boca que ele emite seus desejos, sua fome e cólica. O uso da boca é importantíssimo para o seu desenvolvimento psicológico e intelectual. O cego por não possuir a visão para distinguir os mantimentos, precisa ser estimulado para aprender a reconhecê-los pelo sabor e odor. Assim, esses dois sentidos auxiliam na hora de comer, tornando a alimentação mais prazerosa.

### **3.5. Visão (a falta deste sentido)**

Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem (SARAMAGO,1995, p.310).

A visão é o sentido mais utilizado para se adquirir o conhecimento no mundo em que vivemos, ela permite o acesso a um maior número de informações de uma maneira mais rápida. Existe um ditado muito conhecido e repetido com frequência que explicita a importância deste sentido: “Uma imagem vale por mil palavras”. Esta frase a cada dia obtém mais sentido, pois nos dias de hoje onde a maioria das informações acontece pelo meio visual, como através dos outdoors, painéis, faixas de todos os tipos, mapas, desenhos, entre outros, as informações do dia-a-dia, sejam educacionais, de lazer ou trabalho são transferidas através do meio visual. No entanto, não podemos esquecer que existe uma

parcela da população que é impossibilitada de utilizar o sentido da visão, não podendo se beneficiar desse artifício, acabando por ser excluída socialmente.

Num mundo visual, as pessoas que não podem se utilizar deste sentido, acabam por ter que se adaptar e apresentando, portanto algumas limitações, pois a “beleza” captada pelos outros sentidos é diferente da captada pela visão. É assim que são vistas as pessoas cegas, este é o pensamento que a sociedade tem em relação às pessoas que são diferentes dos padrões e por este motivo, por esta diferença, muitas vezes são considerados inferiores. Outra forma de observar a realidade, que não seja através da visão e uma maneira diferente de perceber o mundo, não é aceita na sociedade, isso faz com que a cegueira se torne um problema, colocando limitações nas pessoas que veem o mundo de uma forma diferenciada, através dos outros sentidos.

Por viver em um mundo visual, as pessoas que tem a visão normal e se utilizam dela para obter informações, acabam por não estimular e deixar de lado o uso dos outros sentidos. Quando um vidente anda na rua, ele usa referências visuais, não reparando muitas vezes nos barulhos sonoros, no tempo que levam para caminhar de um ponto a outro, no tipo de piso que se está pisando e muito menos nas correntes de vento que passam entre um prédio e outro, e no final da rua. Segundo Kirk e Gallagher (1991, p.192), “uma pessoa com visão pode tender a não prestar atenção aos sons do ambiente, que, por necessidade, tornam-se significativos para uma pessoa cega”.

O cego se adapta a este mundo visual utilizando os outros sentidos, mantendo os olhos da mente muito abertos para captarem todas as informações que chegam do ambiente por estes outros sentidos sensoriais. Muitas vezes os cegos solicitam que as pessoas videntes relatem através da fala o que se passa no ambiente, o que elas veem daquele local ou das pessoas ao redor, afim de não serem excluídos do mundo visual e formarem imagens mentais e é desta forma que ele se adapta a este mundo tão excludente para as pessoas que não têm o sentido da visão.

Para os cegos, assim como para as artes, são os sentidos que definem tudo. Quando um artista produz uma obra, está colocando ali um resumo de todas as sensações captadas por todos os seus sentidos, pois é através deles e dos sentimentos que se capta o que é belo, que se conhece o mundo e se transforma, se expressa em arte aquilo que se sente através dos sentidos sensoriais. O artista, para criar uma obra, usa dos sentidos e, ao criá-la, tem a

intenção de despertar nas pessoas a curiosidade, aflorar os sentidos e os sentimentos. A importância de se trabalhar arte com os cegos é a fim de estimular seus sentidos e deixá-los mais aguçados, para assim melhorar seu desenvolvimento, sua percepção de mundo, autonomia, entre outros aspectos. Segundo Freire (2001. p. 38-39) a arte auxilia na inclusão das pessoas com qualquer tipo de deficiência:

A inclusão de pessoas categorizadas como portadoras de deficiência em seu contexto sociocultural tem possibilitado à sociedade abrir novas portas para que todas as pessoas possam usufruir dos bens culturalmente produzidos. O campo das Artes tem se apresentado como uma dessas portas. Verificamos várias tentativas de trabalhos nas áreas plástica, dramática e na dança, sendo propostos com o objetivo de integrar essas pessoas em sua comunidade e na escola.

No próximo capítulo veremos como cada arte auxilia as pessoas cegas em seu desenvolvimento, como ocorre a estimulação dos sentidos e as melhorias que acontecem com os cegos que se propõem a ter a arte no seu cotidiano. Perceberemos o quanto a arte refina os sentidos e alarga a imaginação, facilitando a vida social e quebrando paradigmas.

#### 4. A ARTE E O CEGO

Felizmente, a maioria consegue ver com os ouvidos, ouvir e ver com o cérebro, o estômago e a alma. Acho que vemos um pouco com os olhos, mas não somente. (Documentário Janela da alma - 2002)

Desde a pré-história, o ser humano expressa o mundo através da arte, neste período a arte servia como um meio de comunicação, já que não existia a escrita. Logo depois nasceram as músicas, que serviam como rituais, sempre feitas em grupo. No tempo da antiguidade, que já existia a linguagem, a arte era utilizada na construção de castelos, para fazer figuras religiosas, artes funerárias, entre outras utilidades. A arte, desde do princípio e até hoje, nunca deixou de ser um meio utilizado para expressar ideias e externar sentimentos, além de ser usada como meio de comunicação.

A arte está presente na vida do homem não apenas como meio de comunicação e expressão, mas como área de conhecimento. Através da arte, o indivíduo cria um mecanismo de junções que possibilitam a aprendizagem da linguagem de maneira lúdica, proporcionando o conhecimento de si mesmo, do outro e da sua cultura. A arte tem objetivos fundamentais que auxiliam no processo de aquisição do conhecimento, como estabelecer o conhecimento sensível nas pessoas, conceder períodos de reflexão a respeito do mundo que estão inseridos para que possam perceber, sentir, imaginar e criar perante a vida. Podemos perceber este papel da arte na afirmativa da Barbosa (2003, p. 18):

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Assim, a arte propicia o autoconhecimento, a valorização, o conhecimento histórico, da cultura e de expressões artísticas, exercendo assim um papel fundamental na formação dos seres humanos, pois enriquece o vocabulário, possibilita a leitura de imagens além de ampliar a visão de mundo. Para Pereira (2001) a arte-educação não deve ser reduzida apenas a preparação dos educandos para representar uma cena, desenhar qualquer coisa, tocar instrumentos, mas sim que o arte-educador tem um papel fundamental de desenvolver no indivíduo a inteligência e a sensibilidade para expressar seus valores, sentimentos,

significados, integrando-se às práticas culturais de seu meio. A arte promove o conhecimento e aquisições ao indivíduo. A arte envolve todos os movimentos do corpo e da mente, ela é marcada por vivências do corpo inteiro, como afirma HOLM (2007, p.12):

[...] arte não é algo que ocorra isoladamente. Ela engloba: controle corporal, coordenação, equilíbrio, motricidade, sentir, ver, ouvir, pensar, falar, ter segurança. E ter confiança, para que a criança possa se movimentar e experimentar. E que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. O importante é ter um adulto por perto, co-participando e não controlando.

Vygostki (2003) afirma que a ação de criar algo é uma manifestação privada do ser humano, pois só ele tem a competência de criar algo novo a partir do que já existe. Com a memória, o homem pode lembrar situações passadas, imaginar situações futuras e desta forma criar outras representações a partir das imagens com que ele interage, fazendo com que essas imagens se tornem seu objeto de inspiração para a ação criadora. Esta ação ocorrendo desta forma na modificação constante e na não-adaptação do ser, numa incessante mudança, reflexão e construção de um novo ser:

Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida apreendendo a ver. O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo através da experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes... Não se vê, sente ou percebe em isolamento - a percepção está sempre ligada ao comportamento e ao movimento, à busca e à exploração do mundo. (SACKS 1995, p. 129).

Como Sacks explica, construímos o nosso próprio mundo e essa formação só ocorre através das experiências que a vida proporciona, dos sentimentos que nos despertam e da exploração da sociedade. A arte nasce das manifestações dos seres humanos em atividades em que eles possam interagir com o meio em que vivem, consigo e com os outros, e é isto que propicia esta composição de mundo, oferecendo mudanças na maneira que as pessoas enxergam a si mesmas, aos outros e ao mundo, compreendendo a história humana e a de cada um, com respeito às diferenças, habilidades e dificuldades.

A arte é extremamente importante para o ser humano, o auxilia a se relacionar com o outro, se tornar um ser criativo, comunicativo e ter uma vida em sociedade com qualidade. A arte tem portas abertas para todo indivíduo, seja ele branco, negro, rico, pobre, deficiente ou não. Não importam as características das pessoas, ela é capaz de unir, respeitando a diversidade e proporcionando a quebra do preconceito e um bom

relacionamento entre todos.

[...] demonstrando a necessidade da Arte para todos os seres humanos, por mais desumanas que tenham sido as condições que a vida impôs a alguém. Basta que o cérebro funcione, basta não estar em estado de coma para ser possível estabelecer alguma ligação com a Arte ou através dela. (BARBOSA. 2003, p. 1).

Para que o cego utilize todos os artifícios que a arte oferece, é necessário favorecer circunstâncias que possibilitem atividades desafiadoras de acordo com cada pessoa, permitindo que a aprendizagem aconteça através das possibilidades, e não da cegueira. A capacidade criadora nos cegos é desenvolvida por meio da arte, e é através desta criatividade que se possibilita a expressão dos sentimentos e da própria visão de mundo, e isto é feito por meios de diversas formas artísticas, como a música, a dança, o teatro, a literatura, entre outras.

O cego, quando tem a possibilidade de criar de uma forma livre, desenvolve o pensar de maneira lúdica e pode se comunicar facilmente brincado através da arte. A ação criadora possibilita que o indivíduo relacione a arte com a vida, proporcionando o desenvolvimento de ideias que valorizam e respeitam a diversidade, proporcionam o autoconhecimento, o conhecimento da sua cultura, o entendimento de circunstâncias que ocorrem ao seu redor, além de permitir relações consigo mesmo e com o mundo. É primordial para as pessoas cegas o uso dos diversos sentidos para o conhecimento, a exploração e observação do mundo, pois estas pessoas têm as mesmas capacidades, desejos, sonhos e vontades que qualquer pessoa.

A arte tem o papel na educação de incluir e tratar todos como iguais, ensinar o respeito e valorizar a diversidade, além de propiciar circunstâncias que abranjam inicialmente a amizade e a colaboração, princípios fundamentais de convivência com todos. Para todo ser humano o contato com o outro é importantíssimo para o seu desenvolvimento, para o cego não seria diferente, é através do contato com o outro, da amizade e do vínculo social, que se aprende e se adquire o conhecimento, além de ser essencial para o processo de inclusão e ensino. O ensino da arte, no contexto da inclusão oportuniza que todos experimentem diversas expressões, que colaborarão na aquisição do conhecimento, segundo Puccetti (2005, p. 2):

[...] a arte propicia a inteiração dos deficientes, integrando-os num processo de

desenvolvimento por meio do fazer, sem levar em conta os aspectos patológicos ou orgânicos. Não enfatiza os déficits, as deficiências, mas capacidades e possibilidades reais num processo mental e sensível de compreensão, abstração, planejamento, elaboração, relações e associações, que resulta na produção e criação artística.

Assim, o trabalho de arte com o cego tem suma importância para o seu desenvolvimento como um todo, principalmente em possibilitar uma maior interação social. Logo a seguir veremos um pouco de como a arte pode contribuir neste desenvolvimento e sua importância para o deficiente visual.

#### **4.1 Literatura**

Bakhtin (1992) acredita que a literatura seja capaz de transformar o ser humano e fazê-lo um sujeito ativo, o autor do seu próprio conhecimento, que busca conhecer o meio em que vive como forma de modificá-lo através da informação adquirida, pela literatura, dos fatos, e de acordo com a necessidade do contexto, ser capaz de modificá-lo, isto é possível porque a literatura é uma ferramenta motivadora e desafiadora.

Para Abramovich (1997) quando as pessoas escutam histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas como o medo, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos. Por isso a importância de trabalhar a literatura, não apenas para os videntes, mas principalmente com os cegos, que muitas vezes não é trabalhada, prejudicando aquisição do conhecimento, a formação de um ser crítico e com várias visões de mundo. Quando a arte da literatura for ensinada de forma prazerosa e lúdica, irá despertar o gosto pela leitura, incentivar a imaginação, desenvolver um senso crítico, criar novos “horizontes”, enfim, irá auxiliar na obtenção de informações necessárias para o ato de ler. Desta forma, quanto mais cedo o cego tiver contato com a literatura, seja no ato de ler ou ouvir uma história, mais cedo terá a oportunidade de investigar, discutir, pesquisar, interpretar, comentar e ter uma interação verbal com o outro, proporcionando uma formação cognitiva mais completa.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

(ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Ao entrarmos em contato com a literatura, colocamos defronte aquilo que lemos toda uma bagagem de conhecimentos que adquirimos com as experiências vivenciadas, possibilitando uma aprendizagem significativa e, assim obtenção da capacidade de interpretar, criar, imaginar e sonhar. A pessoa cega não recebe as informações da mesma forma que as videntes, por isso é importante que este contato não ocorra somente com a leitura da linguagem escrita, mas que seja possibilitada uma leitura tátil, auditiva e olfativa, propiciando assim a compreensão do texto pelos outros sentidos, para que possa surgir um maior interesse pela leitura, pois os mesmos demoram a entender a importância da linguagem escrita por causa da ausência da leitura visual, precisando de estímulos maiores para despertar o seu interesse.

Levando-se em conta que a sociedade atual caracteriza-se pela busca da informação, do conhecimento através da leitura, seja em tinta, em braille ou pelo computador, a arte da literatura tem uma maior importância no auxílio ao cego, pois possibilita uma ampliação do seu vocabulário, da sua linguagem, na aquisição de conceitos, interpretação das palavras, podendo assim até suprimir as informações visuais. É por meio da literatura que o cego cria uma relação diferenciada com os sentimentos e formula várias visões de mundo, estimulando sua criatividade e criando diversas imagens dos objetos.

Assim como para o vidente a literatura tem grande importância para a formação de conceitos, para as pessoas cegas não há diferença, é necessário que olhemos além das limitações e proporcionemos recursos e meios para o cego ter contato com a literatura, para isto precisamos conhecer as necessidades e formas de facilitar este contato, estimulando os outros sentidos.

Como forma de incluir o cego no mundo da literatura AnaLu Palma idealizou e criou em 2000 o Projeto Livro Falado<sup>6</sup>, do qual é coordenadora até hoje. Este projeto brotou em sociedade com a Academia Brasileira de Letras e tem como objetivo gravar livros e distribuir por todo o Brasil, proporcionando ao cego o acesso à literatura através de

---

<sup>6</sup> CONTRAPONTO. Jornal Eletrônico Da Associação Dos Ex-Alunos Do Instituto Benjamin Constant. 30ª Edição, 2009.



livros falados, além de buscar unir pessoas com deficiências visuais e videntes por meio da literatura e do teatro. Este projeto tem em seu acervo mais de 350 livros gravados acessíveis a países de língua portuguesa.

AnaLu Palma antes da criação do projeto nunca tinha tido contato com pessoas com deficiência visual, como afirma em seu depoimento que “foi um estalo, um click, que eu tive quando estava meditando. Não tenho ninguém cego na família, jamais havia convivido com pessoas que não enxergavam”. Através deste “click” a mesma foi à procura de informações a respeito de como utilizar sua voz para ler livros, logo que começou conseguiu alguns colaboradores, mas lhe faltaram patrocinadores, isto dificultou o seu trabalho fazendo com que a mesma se tornasse a única produtora de todas as ações do projeto.

No mesmo ano de 2000 o projeto conseguiu a colaboração da Academia Brasileira de Letras e desde então não parou de crescer, conseguindo assim outros diversos colaboradores. Hoje o projeto não serve apenas para a gravação de livros falados, mas também qualifica voluntários para serem leitores (pessoas responsáveis em fazer a leitura de livros para deficientes visuais ou emprestarem suas vozes para as gravações de livros falados) fazendo com que eles aprendam técnicas de leitura e assim transformem livros impressos em livros falados que ficam acessíveis através do site [www.livrofalado.pro.br](http://www.livrofalado.pro.br), tornando para os cegos o acesso à literatura muito mais fácil através do áudio, além de oferecer oficinas de interpretação para deficientes visuais e apresentações de peças do Teatro Inclusivo, a criação de uma audioteca e produção de livros em Braille.

Outro exemplo de trabalhos feitos com cegos através da literatura é a Academia de Letras e Artes da Sociedade de Assistência aos Cegos - ALASAC<sup>7</sup>, que proporciona ao cego o reconhecimento como escritor. A academia foi criada em 2007 por Paulo Roberto Cândido, que teve a ideia de criar uma academia de artes e letras somente para cegos após ter sido convidado, mesmo sendo cego, a participar da Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza. A ALASAC é a primeira academia literária do país composta apenas por cegos.

A ALASAC não é uma academia apenas de Letras, mas também de Artes e por isso

---

<sup>7</sup> Jornal Jangadeiro <http://www.jangadeiroonline.com.br/ceara/academia-de-cegos-participa-da-10o-bienal-do-livro-no-ceara/>. Data de publicação: 06/11/2012. Acesso em: 14/12/2012

é constituída por artistas plásticos, pintores, atores, músicos, além de escritores. Ela tem a capacidade para 40 membros, assim como as outras academias, mas hoje contém apenas 24 integrantes. O maior benefício para estes participantes cegos foi a possibilidade de poderem se aproximar e trocar experiências com outros artistas que não são cegos, além de diminuir as barreiras existentes por conta da cegueira. Segundo Paulo Roberto Cândido, o fundador e presidente da Academia:

Artistas com deficiência muitas vezes enfrentam as dificuldades de acesso a cultura e à produção artística, não tendo as mesmas oportunidades que outros considerados sem deficiências. A ALASAC minimiza essas barreiras de marginalização e incentiva àqueles que produzem arte e que precisam de adaptações (Jornal Jangadeiro)

Como podemos notar, a literatura é muito importante para a formação moral, educacional e psicológica do cego, pois através desta arte ele terá uma maior facilidade com a escrita, podendo expressar-se através dela, colocando todo o seu sentimento, desejos, medos e vontades, além de conhecer o mundo e se incluir socialmente.

## 4.2 Música

A música nos retira dos nossos pequenos mundos e nos faz viajar por mundos maravilhosos [...] A educação da nossa sensibilidade musical deveria ser um dos objetivos da educação. Os conhecimentos da ciência são importantes. Eles nos dão poder. Mas não mudam o jeito de ser das pessoas. A música, ao contrário, não dá poder algum. Mas ela é capaz de penetrar na alma e comover o mundo interior da sensibilidade onde mora a bondade. Afinal, esta não deveria ser a primeira tarefa da educação, produzir a bondade? (ALVES, 2005, p.43)

A música principalmente, e todos os tipos de arte, no início da história da cegueira, significava para as pessoas cegas um meio de inserção no mundo cheio de preconceitos que as excluía do convívio em sociedade. De todos os tipos de criação artística, a música é a que menos precisa de uma imagem visual, logo que para se ouvir uma música ou compor necessita-se de sensibilidade interna, muito mais do que externa, e quanto mais sentimental e “vir de dentro para fora”, mais expressiva e tocante será.

A música tem muita importância para as pessoas cegas, uma vez que ela possibilita que as mesmas tenham a oportunidade de desenvolver sentidos importantes como a audição e o tato, sentidos sensoriais que são utilizados pelos cegos como forma de guia e auxiliam na locomoção, já que há ausência de visão. Na música é necessário que o músico faça a leitura da partitura e é esta leitura que permite ao cego o desenvolvimento do tato, pois é

através deste sentido que ele pratica tal ação, também é necessário que o artista toque os instrumentos, como teclado, sanfona, o violão, percussão, onde através do toque e da percepção desenvolverá o tato na procura da melhor musicalidade. Nesta procura da melhor melodia trabalha-se a audição, e estimula-se a percepção rítmica e harmônica.

A música têm suma importância no desenvolvimento psicomotor, área que exige bastante estimulação nas pessoas cegas:

O desenvolvimento psicomotor ocorre com o apoio da música, uma vez que o ritmo é uma sequência que gera movimentos, tais movimentos refletem numa bagagem psicomotora rica, já que o movimento é tudo na vida de qualquer pessoas (...) pois sem ele a criança enfraqueceria física e mentalmente. (WEIGEL 1988, p. 14)

Por meio da música é possível que as pessoas alcancem melhores desempenhos em atividades que exigem raciocínio, coordenação motora, trabalho em equipe, criatividade, além de auxiliar no desenvolvimento psicológico e emocional. A música tem características que estimulam na criança maior flexibilidade na aprendizagem, no comportamento e no relacionamento. A melodia atua no sentimento. Com ela a criança pode expressar-se, colocando para fora tudo o que está sentindo e que com palavras ela não saberia dizer. A harmonia, que estimula o raciocínio. Essa propriedade leva a criança a buscar formas de sintonizar o ritmo com a melodia para se formar a música.

A música auxilia no desenvolvimento da percepção auditiva, tendo extrema importância para os cegos, pois através deste desenvolvimento existe uma maior percepção do que ocorre ao seu redor, gerando maior independência, controle da noção espacial, melhorando a concentração e a capacidade de coordenar o movimento e o pensamento. Além disso, a música tem o poder de despertar a sensibilidade, o pensamento abstrato, capacidade cognitiva, lógica e espacial, habilidades sociais e um aperfeiçoamento linguístico, como afirma Weigel (1988, p. 13):

Do mesmo modo, a música contribui para o aperfeiçoamento da questão cognitiva e linguística dos envolvidos. É por decorrência da convivência com o meio externo que a inteligência é formada, dependendo muito de estímulos recebidos, destacando que quanto mais estímulos melhor.

O trabalho com a música estimula a compreensão e a exploração do universo sonoro, a memória, tempo de reação e precisão, além de melhorar significativamente a

socialização do cego com as outras pessoas, ajudando-o a interpretar e fantasiar certas situações, pois quando se escuta uma música pode-se fazer uma releitura da mesma, dando sentido diferenciado, de acordo com suas vivências.

O trabalho de música com deficientes visuais já ocorre em vários locais do mundo e vem mostrando resultados positivos na reabilitação e socialização dos mesmos. Temos com um dos exemplos aqui no Ceará, o Projeto Semeador Semeando Música<sup>8</sup>, que foi criado no Cariri por Hélio Santana Filho e é a primeira orquestra para deficientes visuais do Ceará e hoje conta com 13 cegos que estão aprendendo a tocar violões, flautas e percussão.

O Projeto Semeador surgiu da necessidade de “abrir os olhos” das pessoas com deficiência visual para a música, a inclusão destas pessoas ao mundo artístico e a inserção na sociedade. O objetivo maior da orquestra de câmara dos deficientes visuais é mostrar que todos são capazes, que a deficiência não impõe limites e os deficientes visuais têm a mesma competência que qualquer pessoa para tocar instrumentos e fazer parte de conjuntos musicais, aumentando assim a possibilidade de participar do mercado de trabalho como músico. O anseio do maestro é que através dos shows e apresentações a orquestra ganhe renome e bons conceitos no espaço da música, possibilitando a quebra do preconceito e uma inclusão dos deficientes visuais nesse mercado de trabalho.

### **4.3 Dança**

Tudo se manifesta por meio do movimento, o mundo, a vida e ser humano e os animais. Esta movimentação feita pelo homem é particular e guiada pelas suas emoções, que quando são expressas transforma-se em arte, na arte de dançar. A dança proporciona o conhecimento de uma cultura e de suas mudanças ao longo dos tempos, influencia de forma direta em uma sociedade, nos seus costumes, hábitos, vestimentas e tradições. Através desta arte podemos contar a história de um povo, expressar sentimentos, transformar seres humanos e movimentar corpo, mente e alma. A arte de dançar é uma das principais artes e mais completa, pois mexe com o corpo, a mente e a alma, possibilita libertação, reflexão, autoconfiança, autoestima, autodesenvolvimento e sensações únicas, como podemos ver na

---

<sup>8</sup> NEPONUCENA, Yaçanã. Diário do Nordeste. <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1197445>  
Público em: 28/10/2012. Acessado em: 19/11/2012

afirmativa de PEREIRA (2001, s/ p.<sup>9</sup>):

[...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres (...). Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/ para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade.

É impossível pensar a dança apenas como uma atividade antecipadamente proposta, que é executada de uma forma mecânica. Ela vai além, é um dos poucos exercícios em que as pessoas se doam inteiramente e se envolvem por completo, esquecendo-se de tudo e focando apenas no movimento. Ao iniciar a dança, já são notórias as modificações que a pessoa sofre, ela começa a se desprender dos tabus, medos e preconceitos e aos poucos percebe a sua vida se transformar.

Para o cego a arte de dançar, juntamente com a utilização dos sentidos remanescentes, permite que o mesmo tenha equilíbrio, postura, ideia de tempo/espaço, criatividade, sensibilidade, descubra suas habilidades, utilize suas capacidades, explore seu potencial, além de auxiliá-lo no processo do sentir, conhecer, perceber e aprender, proporcionando conhecimentos significativos, aonde o cego tenha uma maior facilidade de entender e interpretar o movimento, a letra da música, os passos e o ritmo, além de levar isso para a seu aprendizado do dia-a-dia. A prática desta arte pelo cego faz com que ele estabeleça seu ritmo próprio, conheça seu tempo e explore o espaço, lhe permitindo vencer o medo, uma maior elevação da autoestima, a valorização pessoal e a alegria de aprender a aprender, se sentindo parte de um todo, de um grupo e uma sociedade. Valente (2008) relata isto:

O indivíduo com Deficiência Visual pode explorar e usufruir das suas capacidades e potencialidades rítmicas, da coordenação motora, do equilíbrio, entre outras, numa vinculação directa com o espaço, com o tempo, com a expressão, com a arte e com outros aspectos que a dança pode proporcionar. (VALENTE, et al, 2008, s/ p.)

A expressão corporal oferece para o cego a oportunidade de vencer as barreiras impostas pela cegueira e pela sociedade, aumentando a sua autoestima e suas habilidades

---

<sup>9</sup> PEREIRA, SRC et al. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis. Porto Alegre, n. 25, 2001

motoras com movimentos conscientes. O ritmo com que o cego obtém conhecimento e aprende através da dança é singular, depende de cada um, de suas experimentações, seu convívio em grupo, vivência, contato corporal, toque, curiosidade, exploração do ambiente, sons e movimentos. Todos os conhecimentos adquiridos através da dança são significativos e levados para o cotidiano, fazendo a diferença diariamente no seu processo de aprendizagem, tornando-o mais perspicaz.

Não posso desfrutar da beleza do movimento rítmico senão numa esfera restrita ao toque de minhas mãos. Só posso imaginar vagamente a graça de uma bailarina, como Pavlova, embora conheça algo do prazer do ritmo, pois muitas vezes sinto o compasso da música vibrando através do piso. Imagino que o movimento cadenciado seja um dos espetáculos mais agradáveis do mundo. (KELLER, 2002, s/p.<sup>10</sup>)

A dança tem a obrigação de ser uma experiência aonde ocorre o compartilhamento de saberes e informações, como também o aprendizado, através dos sentidos remanescentes, do toque, do sentir, do cheiro e das características do outro. Para se ter essa vivência e compreender esta experiência é preciso que os cegos permitam que os corpos se comuniquem, e assim possibilitem o contato consigo, com o mundo, e com os outros.

A dança tem suma importância como atividade compartilhada, pois proporciona uma percepção do mundo, do outro e de si mesmo ao indivíduo cego, além de incluí-lo na sociedade e amenizar o preconceito existente até os dias de hoje. A dança para o não-vidente o auxilia na ligação do seu corpo com o corpo do outro, na aproximação entre os seres, na quebra de paradigmas, no acreditar ser possível, na determinação e na superação dos limites impostos por si mesmo e pelos outros, além de ajudá-lo no reconhecimento do ambiente, sua interação consigo e com o outro e possibilitar uma autoestima, autonomia, equilíbrio e postura, proporcionando-lhe uma melhor qualidade de vida. Arruda (1988, p.15) afirma que a dança causa uma melhor interação entre os seres:

A arte do movimento, além de desenvolver as formas individuais e coletivas de expressão, de criatividade, de espontaneidade, concentração, autodisciplina, promove uma completa interação do indivíduo e um melhor relacionamento entre os homens.

---

<sup>10</sup> KELLER, Hellen. Três Dias Para Ver. Publicado na revista Seleções Reader's Digest, reeditado em Seleções Reader's Digest em junho de 2002. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n16/curiosidades/helen.htm>. Acesso em: 23/12/2012

A expressão corporal tem um grande valor no desenvolvimento do cego, através dela eles podem expressar suas opiniões, manifestar suas habilidades, exercitar seus sentidos e externar seus desejos. A dança melhora a coordenação motora, conscientização corporal, postura, descontração muscular, fortalecimento dos pontos de equilíbrio, desenvolvimento da autoconfiança, autoestima, flexibilidade, sensibilidade, controle emocional, memorização e atenção.

Assim como no ensino da música, o despertar do reconhecimento sonoro é de particular relevância na dança, com o zelo para o desenvolvimento do perceber e não apenas do escutar (BIANCHINI, 2000, s/ p.<sup>11</sup>).

A dança executada pelos cegos tem tomado espaço em apresentações e encatado o mundo todo, desfazendo os preconceitos e proporcionando maior credibilidade na potencialidade dessas pessoas. A Associação de Ballet e Artes Fernanda Bianchini é um dos exemplos que demonstra o espaço que os cegos vêm alcançando no meio artístico da dança. Fundada em 2003 em São Paulo, por Fernanda Coneglian Bianchini Saad, fisioterapeuta e bailarina, surgiu após o Instituto dos Cegos cessar as atividades nos seus espaços que ocorriam já há 7 anos, com esta decisão do Instituto, pais, alunos e colaboradores se uniram para a criação da associação, aonde começou uma nova fase.

Fernanda Coneglian desde o início, quando ainda era no Instituto, desenvolveu um método diferenciado para o ensino da dança aos deficientes visuais, em que a mesma é ensinada individualmente a cada aluno através do toque e após certo tempo de execução eles dançam sozinhos apenas através da comunicação oral. O objetivo maior da Associação de Ballet e Artes Fernanda Bianchini é ensinar a dança e através dela quebrar todas as barreiras e preconceitos sociais, pois através da dança os deficientes visuais encontram motivação de vida e a superação dos seus próprios limites.

A associação oferece aulas para todos os deficientes visuais que demonstram interesse e cerca de 10% das suas vagas para outros tipos de deficiência ou pessoas sem deficiência, como forma de inclusão, não importa a idade que a pessoa tenha ela pode participar das aulas, basta escolher uma das diversas modalidades de dança, como Ballet

---

<sup>11</sup> BIANCHINI, F.C. Prometo de Pesquisa: Ballet Clássico para Deficientes Visuais: Benefícios quanto à orientação espacial. Disponível em: [http://www.ciafernandabianchini.org.br/artigos\\_balletclassicoparadeficientesvisuais.htm](http://www.ciafernandabianchini.org.br/artigos_balletclassicoparadeficientesvisuais.htm) Acesso em: 14 de outubro de 2012

Clássico e Ballet Para Adultos, Dança de Salão, Sincronismo e Expressão, Dança Para Terceira Idade e Sapateado.<sup>12</sup>

#### 4.4. Teatro

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da área de Arte afirmam que “o ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade”. Afirmam ainda que “toda ação humana envolve a atividade corporal”. A ação física é necessária para que a criança harmonize de maneira integradora as potencialidades motoras, afetivas e cognitivas (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1998, p.83)”. Se a atividade corporal e a dramatização são essenciais para o desenvolvimento humano, para o cego não será diferente. As pessoas só se identificam como integrantes do meio ao estabelecer contato com o outro e com o mundo através de ações físicas. O teatro, a expressão corporal e as dramatizações, que são às vezes espontâneas e outras vezes guiadas com regras, proporcionam condições para favorecer esta identificação do ser humano.

O teatro propicia ao cego a oportunidade de desenvolver uma consciência corporal e vocal, explorar objetos e espaços, diferenciar o seu eu e o do outro, a construção da sua identidade, além de contribuir para a sua independência, o desenvolvimento da autoestima, dos outros sentidos, como a audição e o tato, a mobilidade de locomoção, entre outras vantagens. Toda essa aprendizagem é fundamental, pois não fica apenas no espaço teatral, eles levam consigo para o cotidiano, melhorando e facilitando sua vivência em sociedade. O professor, ator e pesquisador Roberto Rabêllo (2001, p. 107) defende:

[...]os problemas enfrentados pelos deficientes visuais dentro dos sistemas educacionais e da sociedade como um todo podem ser superados ou minimizados através do uso do teatro como fator de transformação, focalizando a comunicação como mecanismo de integração.

O teatro dá oportunidade para que o cego tenha uma imaginação fértil, interprete e viva outros personagens, utilize os sentidos na elaboração do papel como protagonista, utilize a memória na hora memorização dos textos, progrida nas relações interpessoais, bem como na locomoção e orientação no ambiente. O uso da arte é importantíssimo pois

---

<sup>12</sup> FONTE: <http://www.ciafernandabianchini.org.br/> Acesso em: 17 de agosto de 2012



desempenha um papel essencial na compreensão e construção de um mundo cognitivo, que sai dos palcos e é levado para o dia-a-dia.

O teatro, se apresenta para o cego como uma maneira de vencer a timidez, ter um melhor convívio em grupo, adquirir confiança em si e no outro, além de proporcionar momentos de prazer e lazer durante os espetáculos, fazendo com que nas apresentações ocorram momentos lúdicos, onde o cego esquece seus problemas, passando a ver o mundo de maneira mais fácil e a vida mais prazerosa, segundo o próprio ator cego, “Marquinhos”, integrante do grupo UNIDDEV, em entrevista feita em 10 de abril de 2012, aonde relata sua experiência no teatro:

Interesse de me desenvolver e participar do grupo ajuda a ter as mesmas dificuldades e superar. Aqui todos me entendem e existe um companheirismo muito grande. Como estou cego recente, o teatro me ajuda muito, principalmente na parte sensorial, posicionamento e direção. Me ajudou muito a perceber melhor o ambiente e os sons, principalmente quando estamos em cena em locais completamente diferentes. O teatro também desenvolve a confiança no outro. Não é porque somos cegos que não deixamos de ter dependência mútua. Se um erra, o outro tem que fazer a peça continuar com qualidade.

São articulações produzidas por eles, os cegos, que os ajudam a se desenvolver, aprender a se locomover dentro do palco, conhecer a si, os limites do seu corpo, expressões faciais, movimentos e, além disto, um conhecimento do mundo. Por isto vale ressaltar a importância de instituições inserirem o teatro dentro do cotidiano do não-vidente.

#### **4.5 Artes Visuais**

Artes visuais para cegos é um assunto pouco discutido, se tornando difícil conseguirmos bibliografias que relatem sua importância para as pessoas cegas, mas não poderíamos deixar de falarmos, um pouco que seja, da influência desta arte para as pessoas com cegueira. Com a falta de materiais bibliográficos, foi necessário para isto relatar a experiência de um dos nossos entrevistados com as artes visuais, podendo assim através desta experiência compreendermos a importância que este tipo de arte têm para o desenvolvimento e a inclusão social dos cegos.

Diante da absorção do conhecimento e do entendimento da importância da arte para os cegos, fomos atrás de saber um pouco sobre o Projeto Acesso que é realizado em

Fortaleza, no Centro Dragão do Mar e realizamos uma conversa com João Bosco, onde logo mais apresentaremos sua experiência e a relevância deste projeto para a sua vida.

No Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura do Ceará, em 2006 foi desenvolvido um projeto chamado Projeto Acesso, juntamente com o Instituto dos Cegos e a Sociedade de Assistências aos Cegos. Este projeto tem como finalidade facilitar e possibilitar o acesso de pessoas com deficiência física, sensorial e intelectual aos espaços culturais, procurando proporcionar o livre acesso e a circulação destas pessoas pelos espaços museológicos e um contato direto com a arte, além de possibilitar uma participação ativa, onde os mesmo tem a possibilidade de criar, opinar, participar e se expressar através de criações artísticas e culturais, tornando significativas e efetivas suas vivências e memórias.

O Projeto Acesso, desde o início, realiza um belíssimo trabalho, uma vez que promove para os deficientes um espaço cultural com acessibilidade, além de que fornece um ambiente para diálogos sobre inclusão, acessibilidade, o papel do museu diante desses temas e do desenvolvimento social, realiza oficinas com os artistas, cursos, apresentações, seminários, exposições e momentos de exploração, discussão e ações em diversos campos da inclusão. O projeto se constitui em uma ação sociocultural que visa atender o desejo de reconhecimento político e social de pessoas com deficiência.

A criação do Projeto Acesso no Memorial Da Cultura Cearense mudou a estrutura física e estrutural do museu com o intuito de melhor atender o público alvo. Esta mudança foi notável, ocorreu a implantação das rampas acessíveis no local, introdução de textos e legendas em Braille, piso tátil mostrando os obstáculos, capacitação na área da educação especial para os profissionais, mediação através de dois profissionais cegos, instalações que proporcionem a acessibilidade às obras em exposição e o uso do recurso DOSVOX, que permite o acesso de deficientes visuais a laptops com descrições relacionadas às exposições.

João Bosco de Farias, cego desde seus 16 anos, em entrevista para este trabalho relatou sobre sua participação no projeto como colaborador de 2006 a 2009, onde desempenhou os cargos de consultor de acessibilidade das exposições do Memorial Da Cultura Cearense - MCC, para auxiliar os deficientes visuais em suas visitas, e de monitor das exposições para turmas de pessoas com deficiência visual. E, mesmo após ter deixado o projeto como colaborador, continuou participando como visitante das exposições.

Ao entrar no projeto, João sentiu na pele a discriminação que há nos espaços culturais que não tem acessibilidade. Logo abaixo consta o relato de João sobre a experiência de um cego ao ir a um museu sem acessibilidade e a exclusão dos mesmos nesses espaços:

No período em que estive como colaborador do Projeto, pude notar o quanto uma pessoa com deficiência visual é excluída em um museu. Peças em vitrines, cercadas por cordões de isolamento, que não podem ser tocadas, quadros com fotografias, desenhos, pinturas, ou imagens abstratas sem descrição, espaços que não dão possibilidade de locomoção sozinho, monitores sem preparação para conduzir uma pessoa com deficiência visual ou descrever algo... Uma série de pontos que desmotivam qualquer pessoa com deficiência visual a visitar um museu.

Através do relato feito pelo João Bosco, notamos as dificuldades existentes nos espaços dos museus para as pessoas com deficiência visual e foram essas dificuldades que o Projeto Acesso procurou extinguir desses locais adaptando-os da melhor forma possível e tornando as exposições um atrativo para os deficientes visuais. Em seu depoimento João explica que “o Projeto Acesso é uma iniciativa que procura levar a arte a pessoas com deficiência. Pessoas essas que são impedidas de apreciar a arte integralmente, por conta das Barreiras arquitetônicas e atitudinais impostas pelos centros responsáveis pela difusão da arte”.

O Projeto Acesso buscou fazer modificações nas exposições do MMC, como treinando monitores para receber as pessoas com deficiência visual, colocando textos e legendas em Braille nas peças e quadros que não poderiam ser tocadas, disponibilizando o máximo possível de peças para o contato e o toque, e quando as peças não poderiam ser disponibilizadas criavam-se réplicas para que assim fosse possível o toque e sensibilizando os administradores e artistas das exposições a terem uma visão mais ampla sobre acessibilidade, tornando assim suas exposições acessíveis.

João afirma que durante as monitorias, no contato direto com o público deficiente visual notava a satisfação de algumas pessoas em estarem visitando uma exposição de arte com acessibilidade. Sempre chegava alguém com elogios, críticas e sugestões, e isto era bem recebido, pois a partir dessas percepções que fazia uma reflexão sobre a exposição e uma busca permanente para a melhora da acessibilidade e no alcance do objetivo, que é levar a arte para todos e principalmente para o público que muitas vezes foi esquecido e

impedido pela sociedade de exercer o direito de ter contato com a arte de forma plena.

#### **4.6. Relato do contato com os entrevistados**

Neste trabalho foram realizadas entrevistas com o objetivo de enriquecer o trabalho através de relatos de experiências de pessoas cegas com a arte, como ocorreu este contato e os benefícios que a arte trouxe para a vida destas pessoas. A entrevista teve suma relevância neste trabalho, nos permitindo obter um maior número de conhecimentos e ter acesso a pessoas cegas com desenvolvimento normal e várias habilidades desenvolvidas por meio da arte.

Nas entrevistas foi utilizado a metodologia de entrevista aberta, deixando assim os entrevistados mais à vontade com o intuito de conseguirmos coletar o maior número de informações. A entrevista foi aplicada com três voluntários, todos cegos e artistas, com autonomia e independência.

Ao realizarmos a entrevista com três artistas cegos, de forma livre, em que os mesmos iam relatando suas experiências e dificuldades, notamos que a arte, nos momentos iniciais, era utilizada como meio de superar a cegueira, de se incluir socialmente e ter momentos de lazer, e que foi através da arte que muitas de suas habilidades foram desenvolvidas, possibilitando um desenvolvimento cognitivo normal e uma inclusão social.

O primeiro entrevistado tem 56 anos, ficou cego aos 5 anos (é considerado cego congênito), cursou bacharelado em Administração na UNISUL, Licenciatura em Música na UNIRIO e vários cursos de informática, é multi-instrumentista, toca cavaquinho, violão, viola, pandeiro e outras percussões, é compositor, poeta e empresário. Em uma das suas falas ele afirma a importância da arte para a sua desenvoltura:

É, eu acho que ela me deu mais habilidade, me deu mais desenvoltura, foi feito trabalhos em outros pontos também, eu não sou tão perfeito, não. Ainda tô na luta aqui ne? Não sei aonde vou chegar, mas a arte tem sua importância[...]

O segundo entrevistado tem 28 anos, ficou cego aos 16 anos, cursou Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará, trabalhou no Projeto Acesso que é realizado no Centro Cultural Dragão do Mar como mediador de exposições acessíveis, hoje trabalha como professor de informática para cegos na Associação de Cegos do Estado do Ceará - ACEC, é revisor de braille no Centro de Referência Educacional em Atendimento Especializado do

Ceará, além de ser músico e tocar, juntamente com sua banda, nas noites de Fortaleza. Ele afirma que a arte:

[...] foi uma possibilidade de adaptação a cegueira, pois ceguei durante o ensino médio, período onde quase tive uma depressão e a arte entrou na minha vida em uma boa hora. Nela pude me distrair e parar de pensar besteira. Atualmente a música é uma segunda fonte de renda e uma distração muito agradável.

O terceiro entrevistado tem 21 anos, é cego de nascença, terminou o 3º grau completo em escola formal, fez curso de piano durante dois anos em São Paulo, já gravou CDs com músicas de sua autoria e hoje viaja pelo nordeste fazendo shows. Ao ser interrogado sobre quais benefícios a arte havia causado na sua vida, respondeu que “Viver bem, viver em harmonia comigo, esse foi o grande benefício”.

Ao realizarmos a entrevista ficou evidente a importância da arte na vida dos entrevistados, cada um com uma história diferente, mas todos com a arte em comum. Percebemos que todos tiveram estimulação por meio da arte, auxílio da família e de um atendimento especializado, pois mesmo aqueles que passaram algum período escolar numa escola regular tiveram o auxílio de professores capacitados em braille e o acompanhamento do Centro de Apoio Pedagógico - CAP.

É importante relatarmos as experiências que cada um teve particularmente com a arte e como estes conhecimentos adquiridos através da arte os auxiliou e facilitou na sua aprendizagem e convivência social. O primeiro entrevistado teve contato com a arte musical, teatral, plástica (por ele chamada de arte manual) e literatura. O segundo teve contato com as artes musicais e as artes visuais. O terceiro apenas com as artes musicais.

Primeiro entrevistado: Eu tive contato com a arte, eu frequentei teatro, não cheguei a ser um ator, mas participei de peça teatral, lá no Instituto, arte literária, poema, sou poeta e letrista, arte musical, eu sou músico, artes plásticas, eu não sou um escultor, mas eu tive uma experiência com escultura, com pedra de sabão, argila e tecelagem.

Segundo entrevistado: Durante o ensino médio, à uns doze anos atrás, eu e uns amigos da escola começamos a pelear a tocar pagode. Aos poucos fui aprendendo a tocar percussão e a cantar, atividade com a qual me identifiquei muito(...) Participei como colaborador de alguns exposições do Projeto acesso no Centro Dragão do Mar, lá pude unir a arte e a acessibilidade para pessoas com deficiência visual.

Terceiro entrevistado: Toco teclado desde os quatro anos de idade, quando fiz sete anos, eu comecei a cantar e com 11 comecei a tocar outros instrumentos, como bateria e violão, fiz um curso de violão 'celo' na orquestra do Pão de Açúcar, uma coisa totalmente diferente do que eu já tinha feito, também aprendi a tocar flauta. Tenho habilidade com seis instrumentos, a sanfona é o mais recente. Com toda essa descoberta musical, com quinze anos, fui estudar piano (um dos grandes instrumentos que eu tenho habilidade) durante dois anos em São Paulo. Depois de aprender a tocar sanfona e, confesso-lhe que sempre gostei de forró, até toquei outros estilos musicais como rock, mas sempre gostei de forró. Após estudar piano, comprei uma sanfona e comecei a estudar sozinho, quando fiz dezoito anos, montei uma banda de forró e hoje toco pelo nordeste todo.

O primeiro entrevistado citado, teve sua formação em uma escola especializada para deficientes visuais, o segundo teve experiência nos dois tipos de escola, a especializada e a escola regular, já o terceiro teve sua formação toda em escola regular. O primeiro entrevistado relata a importância que teve a escola especializada na sua formação:

O corpo docente do [...] na grande maioria era cego [...] a melhor experiência passada pra criança cega é o cego mais velho, que já passou pelas necessidades que o outro tá passando e já trilhou aquele caminho. Quem melhor pra ensinar o caminho do que aquele que já trilhou aquele caminho.

A arte para um foi uma forma de escape da depressão e distração, para outro estava no seu processo escolar o acesso a todos os tipos de arte e para o outro cresceu junto consigo e desde pequeno fez parte do seu dia-a-dia.

O primeiro entrevistado por ter tido uma formação toda em uma escola especializada pelo qual teve experiência com quase todos os tipos de arte, retrata em sua fala tudo aquilo que se foi dito nos capítulos anteriores, como podemos perceber através do relato seguinte a importância do uso da arte para o desenvolvimento do tato:

As coisas que a gente tinha lá no Instituto na minha época, ensino de trabalho com madeira, carpintaria, tecelagem, empalhação de cadeira, aquelas cadeiras de palhinhas, eu sei fazer aquilo, vassoura, são trabalhos que desenvolve o tato, desenvolve habilidade manual, a minha ultima arte que eu estou fazendo é crochê, eu acho que é fundamental na educação dos cegos, pelo menos tem que passar por essa experiência manual, assim ele vai desenvolver habilidades, a gente nem sempre tem uma pessoa disponível pra tá ajudando.

Como já havia sido dito anteriormente, a estimulação do tato auxilia o cego no seu desenvolvimento e permite que o mesmo tenha uma vida cotidiana normal, apresentando toda a capacidade que qualquer ser humano tem e possibilitando uma maior aquisição do conhecimento. Isto ficou bem explicito no depoimento do primeiro entrevistado ao relatar

sua aprendizagem nas aulas práticas, quando o tato era estimulado nas atividades cotidianas, e terceiro entrevistado ao relatar a estimulação do tato através da prática da arte:

Primeiro entrevistado: Mas outra coisa que tinha lá no Instituto também, era aula de coisas práticas, aprender a pregar um botão, botar uma linha na agulha... São coisas muito importante, principalmente tem muito cego que mora sozinho, então os cara às vezes precisa pregar um botão, eu prego, se o botão cair e eu conseguir uma linha, no máximo o que pode acontecer é eu pregar ele de outra cor, mas eu prego o botão.

Terceiro entrevistado: Desde cedo toco teclado desde outros instrumentos, isso me ajudou bastante a ter desenvoltura e a me socializar, aonde eu chegava as pessoas pediam pra me ver tocando e assim eu chamava atenção de todos(...) Ser instrumentista me ajudou bastante com a cegueira, porque utilizo muito minha audição e minhas mãos, as mãos principalmente, tenho que saber utilizar o tato muito bem, aprendi também a ter postura pra ficar com uma boa aparência no palco e a ter direcionamento, pra não acabar de costas pro público.

Ao realizarmos estas entrevista com estes três deficientes visuais, ficou ainda mais evidente a importância da arte para o cego e como o seu uso no processo de aquisição do conhecimento auxilia no desenvolvimento destas pessoas. Quanto maior for o envolvimento do cego com a arte, maior será sua desenvoltura e suas habilidades, proporcionando assim uma vida mais autônoma e independente.

## 5. CONCLUSÃO

A arte, desde os tempos mais primitivos, se apresenta como necessidade e característica essencialmente humana. Independente de cor, raça, cultura, gosto, todos praticam a arte de algum modo. Os tipos de artes e os motivos da prática podem ser diferentes, mas a essência é a mesma. Por isso não podemos deixar de fora da prática da arte pessoas que já são tão excluídas socialmente e sofrem limitações estabelecidas pela cegueira e pelos outros.

Nossa intenção nesta pesquisa, além de contribuir com as discussões sobre a importância da arte para as pessoas cegas, é identificar os possíveis fatores que podem favorecer este desenvolvimento e auxiliar o cego na aquisição do conhecimento e a ter uma vida social. Deste modo, procuramos verificar como é possível se utilizar da arte para este fim, com o intuito de que o cego se inclua socialmente e sua aprendizagem ocorra de forma singular e no curso natural.

Os resultados desta pesquisa são gratificantes na medida em que reforçam as ações e transformações práticas que a arte tem proporcionado às pessoas cegas no seu desenvolvimento, processo de aprendizagem e aquisição do conhecimento, e a importância da estimulação precoce para estas pessoas, e isto nos conduz a crer que é de fundamental importância a participação e o interesse da família, a fim de fazer um trabalho de estimulação precoce, da instituição escolar, buscando meios que proporcionem possibilidades de um melhor desenvolvimento, e a sociedade, acabando com o preconceito, respeitando suas individualidades e singularidades, proporcionar um bom convívio com o próximo e o acesso ao conhecimento. Dessa forma, a família, a escola, os amigos e a sociedade poderão compreender a importância social da arte e seu uso com os cegos.

A pessoa cega faz uma leitura tátil dos objetos, a fim de conhecê-los e interpretá-los de acordo com seus conhecimentos prévios, conhecimentos esses que são adquiridos através da vivência, isso é o que a difere da pessoa vidente, que utiliza da leitura visual para obter os mesmos conhecimentos. Entre o cego e o vidente, não existem diferenças cognitivas e muito menos no processo de aprendizagem, mas existe diferença na forma de aquisição do conhecimento e de se apropriar dos significados dos objetos. Desta forma, notamos que é de extrema importância e fundamental para o desenvolvimento das pessoas



proporcionar experiências ricas, de modo que cada pessoa com suas restrições possa interagir com o mundo ao seu modo, de acordo com a sua necessidade, respeitando suas dificuldades e singularidade. O cego tem a necessidade de ter experiências que envolvam os outros sentidos que não seja a visão, para adquirir vivências através da interação com o mundo e com os objetos à sua volta.

Com amparo nos indicativos recolhidos por meio das entrevistas, verificamos que a arte auxilia no desenvolvimento do cego como um todo e tem suma importância para que o mesmo obtenha sua particularidade, autonomia e independência. Notamos que um cego quando tem o auxílio da arte em seu desenvolvimento, acaba por se desenvolver de forma integral, mas já aqueles que não recebem tal auxílio ficam com déficit e se torna mais complicado o seu processo de aquisição do conhecimento, desenvolvimento e independência.

De tal modo, concluímos, defendendo a ideia de que as dificuldades de desenvolvimento nas pessoas cegas podem ser superadas a partir do trabalho com a arte. Com a música facilitando sua oralidade, seu tato e audição, com o teatro, desenvolvendo o tato, a noção espacial, o reconhecimento do seu corpo e do outro, com a dança facilitando sua independência, locomoção motora, desenvoltura e postura, com a literatura sua interpretação de mundo, conhecimento da cultura, melhoria do seu vocabulário e escrita, formulação de textos, entre outros aspectos. A arte auxilia não apenas nos aspectos cognitivos dos cegos, mas também o físico e emocional, possibilitando uma plena formação como ser humano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4 ed., São Paulo: Ed. Scipione, 1997

ALVES, Rubem Azevedo. **A Educação dos Sentidos e mais...** Campinas: Versus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Caro Professor, Pais, ETC**. Em Correio Popular, 10 de outubro de 1999.

ARRUDA, Solange. **Arte do movimento: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana**. São Paulo: PW Gráficos; Editores Associados, 1988.

BARBOSA, Ana Mae. **As mutações do conceito e da prática**. In BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2<sup>TM</sup> Ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1.

BIANCHINI, F.C. Prometo de Pesquisa. **Ballet Clássico para Deficientes Visuais: Benefícios quanto à orientação espacial**. Disponível em: [http://www.ciafernandabianchini.org.br/artigos\\_balletclassicoparadeficientesvisuais.htm](http://www.ciafernandabianchini.org.br/artigos_balletclassicoparadeficientesvisuais.htm)  
Acesso em: 14 de outubro de 2012

BLANCO, Florentino; RUBIO, Maria Eugenia. **Percepción sin visión**. In: ROSA, Alberto; OCHAITA, Esperanza (Orgs). **Psicología de la ceguera**. Madrid: Alianza, 1993.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**, vol. I, Brasília: MEC/SEF, 1998

CAZÉ, Clotildes Maria de Jesus Oliveira; OLIVEIRA, Adriana da Silva. **Dança Além da Visão: Possibilidades do corpo cego**. Goiás, 2008. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br>. Acesso em 09/01/2013

COIMBRA, Ivanê Dantas. **A inclusão do portador de deficiência visual na escola regular**. Salvador: EDUFBA, 2003.

DOMINGUES, Celma dos Anjos. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar : os alunos com deficiência visual, baixa visão e cegueira**. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ;[Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010.v. 3. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar)

DUARTE JR. João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba/PR – CRIAR EDIÇÕES, 2001.

FARIAS, Sérgio. **Como eu vejo e como os outros acham que eu não vejo**. Rede Saci,

2003. Disponível em <http://saci.org.br>. Acesso em 19/12/2012

FERRARI, Aída Lúcia; CAMPOS, Elisa. **De que cor é o vento?** Subsídios para ações educativo- culturais com deficientes visuais em museus. Belo Horizonte, MG: Prefeitura, 2001.

FRAIBERG, Selma. **Niños ciegos**. Madri: Imprenta Fareso. 1989

FREIRE, Ida Mara. **Compasso ou descompasso: O corpo diferente no mundo da Dança**. *Ponto de Vista*, vol. 2, Florianópolis: UFSC/NUP-CED, 2001

GANZAROLLI, João Vicente. **Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos**. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2002

GARCIA, Marilda; MORAES, Bruno; MOTA, Maria da Glória Batista da. **Programa de capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual** Vol. 1 e 2 Ministério da Educação: Brasília, 2001. lei 5.692/71

GIL, Marta (org.). **Caderno da TV Escola - Deficiência visual**. – Brasília : MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

HOLM, Anna Marie. **Baby - Art: os primeiros passos com a arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

**JANELA da alma**. Direção: João Jardim, Walter Carvalho. Produção: Flávio R. Tambellini. Fotografia: Walter Carvalho. Edição: Karen Harley e João Jardim. Elenco: José Saramago, Oliver Sacks, Wim Wenders, Hermeto Pascoal e outros. Roteiro: João Jardim. Música: José Miguel Wisnick. Rio de Janeiro: Ravina Filmes, 2002. 1DVD (73 minutos), widescreen, son, color. Produzido por Videolar.

KELLER, Hellen. **Três Dias Para Ver**. Publicado na revista Seleções Reader's Digest, reeditado em Seleções Reader's Digest em junho de 2002. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n16/curiosidades/helen.htm>. Acesso em: 23/12/2012

\_\_\_\_\_. **A história de minha vida**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. Título original: The Story of My Life.

KIRK, S. A.; GALLAGHER, J. J. **Educação da criança excepcional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAPLANE, Adriana Lia Frizman de, BATISTA, Cecília Guarneiri. **Ver, Não Ver E Aprender: A Participação De Crianças Com Baixa Visão E Cegueira Na Escola**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, 2008.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. Ed. AVE AVERCAMP. 1ª ed. 176 p, São Paulo, 2006. Disponível em <http://crv.educacao.mg.gov.br>. Acesso em: 25/11/2012

MONTE ALEGRE, Paulo Augusto Colaço. **A cegueira e a visão do pensamento**. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MORAES, Dimaranje José. *Cego, eu?* Fortaleza: Diz, 2012.

NUNES, Sylvia da Silveira; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. **Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) - Volume 12 Número 1 Janeiro/Junho 2008

NOGUEIRA, Mário Lúcio de Lima. **A importância dos pais na educação segundo a percepção de universitários deficientes visuais**. Revista IBC, Edição 23, dezembro de 2002. Disponível em <<http://www.ibc.gov.br/>>. Acesso em: 04 dezembro de 2012.

ORMELEZI, Eliana Maria. **Inclusão educacional e escolar da criança cega congênita com problemas na constituição subjetiva e no desenvolvimento global: uma leitura psicanalítica em estudo de caso**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PEREIRA, SRC et all. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis. Porto Alegre, n. 25, 2001

Porto, E, T. **A corporeidade do cego: novos olhares**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas-SP, Brasil, 2002.

PUCETTI, Roberta. **Arte: imagem e produção artística na diversidade**. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br>>. Acesso em: 22 de outubro de 2012

RABÊLLO, Roberto Sanches. **Teatro Educação: uma experiência com jovens cegos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SÁ, Elizabett Dias de; SIMÃO, Valdirene Stiegler. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: os alunos com deficiência visual, baixa visão e cegueira**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em marte**. Sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional. **Curso de capacitação da escrita do sistema Braille para docentes do SENAI**: manual e cadernos. – Brasília: SENAI/DN, 2007.

SILVA, M. F. **Meu contato com o mundo através das mãos**. In: MASINI, E. F. S. (Org.). Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais. Niterói: Intertexto, 2002

TELFORD, Charles W. & SAWREY, James M. **O indivíduo excepcional**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1988.

VALENTE, V, RODRIGUES, N, Santos, JA Rodrigues dos. **Alterações no estado de humor produzido pelas danças sociais**. Estudo com deficientes visuais. II Congresso Internacional de Ciencias del Deporte. Universidade do Porto – Portugal – 2008

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Obras Completas** – Tomo V. . Fundamentos de Defectologia, Cidade de La Habana: Primera reimpresión. Habana: Editorial Pueblo Educación, 1989.

\_\_\_\_\_ **Obras Escogidas V**. Fundamentos de Defectologia. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.

\_\_\_\_\_ **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.